



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Mariana de Oliveira Galvão

**SERVIÇOS EDUCATIVOS E CAPTAÇÃO DE  
PÚBLICOS EM MUSEUS**  
UMA VISÃO DAS DINÂMICAS NO MNAC

Relatório de estágio do Mestrado em Ciências da Educação  
orientado pela Professora Doutora Maria Augusta Vilalobos Filipe  
Pereira do Nascimento e apresentado à Faculdade de Psicologia e de  
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Mestrado em Ciências da Educação

Ano letivo 2021-2022

**Serviços Educativos e Captação de Públicos em Museus  
Uma visão das dinâmicas no MNAC**

Relatório de estágio para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação,  
orientado pela Professora Doutora Maria Augusta Vilalobos Filipe Pereira do  
Nascimento e apresentado à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da  
Universidade de Coimbra.

Mariana de Oliveira Galvão

Setembro de 2022

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, aos meus pais e irmão, que me apoiaram incondicionalmente ao longo de todo o meu percurso acadêmico e fizeram sempre questão que eu seguisse o caminho que me fizesse sentir mais feliz e concretizada. Sem vocês seria impossível ter alcançado tudo isto, espero conseguir retribuir todo o esforço.

Aos meus avós, que também estiveram sempre presentes na minha jornada, mostrando todo o carinho e apoio do mundo (típico de avós), sempre com as saudades à flor da pele, mas também sempre cheios de orgulho das minhas conquistas; à minha restante família, que também sempre me incentivou e apoiou a seguir os meus sonhos, e que fazia dos regressos a casa momentos tão felizes.

Ao Gustavo, à Matilde, à Joana, e à Maria, os meus melhores amigos, que partilharam todos os momentos bons e menos bons destes anos. Obrigada por todos os conselhos, todas as gargalhadas e todos os passeios. Obrigada por todas as chamadas e mensagens neste ano longe de vocês, que vos mantiveram sempre tão perto.

À Mat, e à Cat, colegas de casa que tiveram tanta influência na escolha do Mestrado e na pessoa que sou atualmente. Obrigada por fazerem sempre de vossas casas a minha e de me acolherem como família, sempre.

Aos restantes amigos, quer da Licenciatura, quer da Desconcertuna, a minha vida académica não teria tido metade da magia se não fossem vocês, e levo no coração todas as cantorias e todas as gargalhadas.

Aos amigos e colegas de casa em Lisboa, que foram fundamentais neste ano de estágio, graças a vocês foi impossível sentir-me sozinha numa cidade tão grande e diferente.

À Doutora Emília Ferreira e à Doutora Hilda Frias, que me acolheram tão bem no MNAC e tanto me ensinaram ao longo dos meses. Obrigada pelos votos de confiança, que me permitiram desenvolver partes de mim que não sabia existirem.

À Dona Conceição, companheira de escritório que fez sempre sentir bem-vinda e que esteve sempre disponível para qualquer tipo de conversa, e presente nos momentos um pouco mais solitários.

À Karol, a minha breve colega de estágio, que trouxe bastante alegria e determinação aos meus dias, sem ela a realização de algumas atividades no MNAC não teria sido possível.

Foi um gosto mostrar-te Lisboa.

À restante equipa do MNAC, que me recebeu de braços abertos e demonstrou constante suporte e orgulho no meu trabalho.

À minha orientadora Professora Doutora Maria Augusta, pelo apoio na realização deste relatório e pela disponibilidade para me auxiliar no que fosse necessário.

Por fim, mas não menos importante, ao Professor Doutor Joaquim Alcoforado, Professor a quem agradeço profundamente pela concretização do estágio no MNAC.

## **Resumo**

O presente relatório visa a descrição das atividades realizadas no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) ao longo do estágio curricular realizado no âmbito da conclusão do Mestrado em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O MNAC conta com um acervo desde 1850 até à atualidade, recorrendo ao modelo de exposições temporárias para conseguir apresentar ao público uma maior variedade de obras e artistas, sendo este um dos seus grandes objetivos, somando à vontade de aprofundar as obras de artistas menos conhecidos, e de promover o diálogo e a investigação sobre a vida e obra dos artistas portugueses.

Durante o estágio desenvolvi atividades relacionadas com o apoio educativo e mediação cultural, tendo, principalmente, auxiliado nas visitas orientadas e nas oficinas e workshops promovidos pelo Museu, dinamizando, também, as minhas próprias atividades.

Neste documento, primeiramente, encontramos um enquadramento sobre os conceitos focais do relatório, e sobre as instituições que dirigem ao Museu, de modo a haver um contexto sobre o trabalho desenvolvido e o MNAC.

Posteriormente temos a caracterização da instituição de acolhimento e do seu Serviço Educativo, juntamente com a análise de um estudo de públicos, realizado pelo ISCTE-IUL, seguindo-se a descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio. Por último apresento as minhas recomendações ao Museu, mediante o que tive a oportunidade de observar ao longo dos meses, e as considerações finais.

## **Palavras-chave**

Museu; MNAC; Serviço Educativo; Mediação Cultural; Educação não-formal.

## **Abstract**

The present report aims to describe the activities carried out at the National Museum of Contemporary Art (MNAC) during the curricular internship realized within the scope of the conclusion of the Master's degree in Educational Sciences of the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra.

MNAC has a collection from 1850 to the present, using temporary exhibitions to be able to present to the public a greater variety of works and artists, this being one of its main goals, adding to the desire to deepen the works of lesser-known artists, and to promote dialogue and research on the life and work of Portuguese artists.

During the internship I developed activities related to educational support and cultural mediation, having mainly helped in guided visits and in the workshops promoted by the Museum, also realizing my own activities.

In this document, firstly, we find a framework on the focal concepts of the report, and on the institutions that manage the Museum, in order to have a context about the work developed and the National Museum of Contemporary Art itself.

Subsequently, we have the characterization of the host institution and its Educational Service, together with the analysis of a study of publics, carried out by ISCTE-IUL, followed by the description of the activities developed during the internship. Finally, I present my recommendations to the Museum, based on what I had the opportunity to observe over the months, and the final recommendations.

## **Keywords**

Museum; MNAC; Educational Service; Cultural mediation; Non-formal education.

## Índice

<b>LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS .....</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE APÊNDICES.....</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ACRÓNIMOS, SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. MEDIAÇÃO CULTURAL E SERVIÇOS EDUCATIVOS .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2. SERVIÇOS EDUCATIVOS NOS MUSEUS PORTUGUESES E PAPEL DOS MUSEUS .....</b>	<b>16</b>
<b>1.3. OFERTAS EDUCATIVAS E CAPTAÇÃO DE PÚBLICOS .....</b>	<b>18</b>
<b>1.4. DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL E REDE PORTUGUESA DE MUSEUS .....</b>	<b>23</b>
<b>1.5. IMPACTO DA PANDEMIA NAS ATIVIDADES CULTURAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 2 – CONTEXTO DO ESTÁGIO .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3. HISTÓRICO E ATUALIDADE DO SERVIÇO EDUCATIVO DO MNAC .....</b>	<b>32</b>
<b>2.4. ESTUDO DE PÚBLICOS DE MUSEUS NACIONAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO 3 – ATIVIDADES DE ESTÁGIO.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1. INTEGRAÇÃO NO MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>43</b>
<b>3.2. ATIVIDADES .....</b>	<b>44</b>
<i>Oficinas Temáticas .....</i>	<i>45</i>
<i>Atividades dinamizadas e visitas orientadas .....</i>	<i>50</i>
<i>Eventos .....</i>	<i>56</i>
<i>Diversos.....</i>	<i>56</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS E APÊNDICES</b>	

## **Lista de Tabelas e Gráficos**

Tabela 1 Atividades desenvolvidas durante o período de Estágio no MNAC

Tabela 2 - Horário Oficina de Natal

Gráfico 1- Museus com SE entre os anos 2000-2009 (Neves et al., 2003)

Gráfico 2- Escolaridade do público

Gráfico 3- Avaliações MNAC

Gráfico 4- Expectativas iniciais quanto aos conteúdos expositivos

Gráfico 5- Recomendação da visita

Gráfico 6- Recomendação da visita por nacionalidade

Gráfico 7- Motivos para regressar ao Museu

## **Lista de Apêndices**

Apêndice 1- Atividade retrato do quadro preferido

Apêndice 2- Atividade retrato estátuas

Apêndice 3- Desenho em conjunto

Apêndice 4- Desenho em conjunto

Apêndice 5- Resultado final desenhos em conjunto

Apêndice 6- Convite Oficina na Páscoa

Apêndice 7- ADN de pegadas

Apêndice 8- Materiais para explosões de cor

Apêndice 9- Explosões de cor

Apêndice 10- Atividade de desenho

Apêndice 11- Participantes Oficina da Páscoa

Apêndice 12- Leituras de Fábulas

Apêndice 13- Visita Orientada *A Outra Vida dos Animais*

Apêndice 14- Visita Orientada *A Outra Vida dos Animais*

Apêndice 15- Visita Orientada *A Outra Vida dos Animais*

Apêndice 16- Fotografia de grupo com os participantes

Apêndice 17- Sinopse e organização *Animais e os Seus Sentimentos*

Apêndice 18- Capa material de apoio *Fábulas Fantásticas*

Apêndice 19- Fábula a Raposa e o Corvo

Apêndice 20- Fábula o Cão e o Burro



- Apêndice 21- Fábula O Lobo e o Cão
- Apêndice 22- Fábula o Galo e a Raposa
- Apêndice 23- Contracapa material de apoio *Fábulas Fantásticas*
- Apêndice 24- Sinopse e detalhes *Diferenças ou Semelhanças?*
- Apêndice 25- Convite *Diferenças ou Semelhanças?*
- Apêndice 26- Visita orientada em conjunto
- Apêndice 27- Primeira visita orientada a solo
- Apêndice 28- Primeira visita orientada a solo
- Apêndice 29- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 1
- Apêndice 30- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 2
- Apêndice 31- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 3
- Apêndice 32- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 4
- Apêndice 33- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 5
- Apêndice 34- Guião de apoio *Olhares Modernos* pág. 6
- Apêndice 35- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 1
- Apêndice 36- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 2
- Apêndice 37- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 3
- Apêndice 38- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 4
- Apêndice 39- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 5
- Apêndice 40- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 6
- Apêndice 41- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 7
- Apêndice 42- Guião de apoio *M<sup>a</sup> Eugénia e Francisco Garcia* pág. 8
- Apêndice 43- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 1
- Apêndice 44- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 2
- Apêndice 45- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 3
- Apêndice 46- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 4
- Apêndice 47- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 5
- Apêndice 48- Guião de apoio *A Outra Vida dos Animais* pág. 6
- Apêndice 49- Atividade Sêniores *Semana da Cor*
- Apêndice 50- Atividade *Semana da Cor*
- Apêndice 51- Conversa sobre Marcelino Vespeira
- Apêndice 52- Lançamento *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*

## **Lista de Anexos**

- Anexo 1- Percurso táctil Escultura séculos XIX e XX
- Anexo 2- Ficha técnica Percurso Táctil
- Anexo 3- Esculturas Sala das Abóbadas
- Anexo 4- Planta Sala das Abóbadas
- Anexo 5- Planta Sala das Abóbadas
- Anexo 6- Texto em braille
- Anexo 7- Exemplo texto informativo Nível 1
- Anexo 8- Exemplo texto informativo Nível 2 e 3
- Anexo 9- Exemplo pintura e respetiva representação em relevo
- Anexo 10- Catálogo pessoal A Outra Vida dos Animais
- Anexo 11- Ficha técnica A Outra Vida dos Animais
- Anexo 12- Detalhe ficha técnica A Outra Vida dos Animais
- Anexo 13- Captura de ecrã aplicativo Zoom Guide

## **Lista de acrónimos, siglas e abreviaturas**

- Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)
- Estudo de Públicos de Museus Nacionais (EPMN)
- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC)
- Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)
- ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
- Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA)
- Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC)
- Serviço Educativo (SE)
- Observatório Português de Atividades Culturais (OPAC)

## Introdução

Ao longo do ano letivo de 2021/2022 realizei o estágio curricular, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC), no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), em Lisboa, integrando a equipa de Serviço Educativo do mesmo, sendo o presente relatório referente a essa mesma experiência.

Segundo o Regulamento do Mestrado em Ciências da Educação, o propósito da realização do estágio curricular é, acima de tudo, promover “competências analítico-reflexivas e operativas que possibilitem uma descrição e caracterização dos fenómenos educativos, a planificação de intervenções que apontem para a sua optimização, e o desenvolvimento/implementação dessa planificação, bem como a sua avaliação”<sup>1</sup>

O estágio curricular no MNAC decorreu num formato de acompanhamento e implementação de atividades, não tendo existido um projeto de estágio concreto, mas sim uma participação na dinâmica da instituição, incluindo a realização de atividades em autonomia que fui dinamizando ao longo dos meses. Assim, durante o ano letivo observei visitas orientadas por parte da técnica do Serviço Educativo (SE) e dos curadores das diferentes exposições, auxiliei nas mesmas (após ter estudado e assistido a visitas suficientes para o fazer), dinamizei as minhas próprias visitas orientadas, participei em conferências organizadas pelo Museu, nos eventos de inauguração das exposições, e em montagens das mesmas, participei ativamente na Oficina de Natal, na Semana da Cor, e na Oficina da Páscoa (tendo também planificado parte das atividades realizadas no seu decorrer), e, na reta final do meu período de estágio, organizei e dinamizei duas atividades para crianças, inseridas na agenda de verão do MNAC: *Animais e os Seus Sentimentos*, e *Diferenças ou Semelhanças?*

---

<sup>1</sup> Normas reguladoras do Estágio e Seminário de Estágio do Mestrado de Ciências da Educação da FPCEUC.

Infelizmente, devido a contexto pandémico que se tem vivido nos últimos dois anos e meio, torna-se impossível explicar o meu estágio sem mencionar tal questão, dado que o setor da cultura foi um dos mais afetados pela pandemia de COVID-19, devido a todas as restrições impostas. A dita 'normalidade' só retomou em fevereiro de 2022, altura em que o Museu começou, finalmente, a receber um maior volume de visitantes individuais e vistas organizadas. Até então, a quebra nas solicitações para visitas orientadas foi bastante expressiva e era inconcebível realizar atividades de SE em grupos, como seria normal em qualquer outra altura. Assim, o início do meu estágio acabou por ser penalizado devido à situação pandémica, tendo, no entanto, melhorado exponencialmente com o aliviar das restrições, que resultou numa maior procura dos serviços do Museu e na dinamização de diferentes atividades.

No primeiro capítulo deste documento, e de modo a enquadrar o meu estágio, irei esclarecer temas e conceitos alusivos à experiência em museus e às práticas educativas presentes no espaço museológico, mais concretamente no MNAC, mencionando a origem das práticas educativas nos museus portugueses, a importância dos Serviços Educativos e o papel do técnico de educação, as atividades pedagógicas postas em prática mais frequentemente, os objetivos e o funcionamento e das mesmas. Caracterizo, também, a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e a Rede Portuguesa de Museus (RPM), onde o Museu se insere. Uma vez que vivemos anos atípicos devido à situação pandémica, e sendo a área da cultura uma das mais afetadas pela mesma, como previamente referido, torna-se incontornável aludir ao impacto da pandemia nas atividades culturais, uma vez que o volume de trabalho do SE é bastante influenciado pela quantidade de visitantes – que até o início de 2022 foi bastante reduzido.

O segundo capítulo concerne o próprio estágio curricular, caracterizando a instituição que me acolheu - a sua história e organização -, o historial do Serviço Educativo do MNAC, obtido através de relatórios de atividades do Museu, onde se pode perceber as suas conquistas e evolução, bem como as atividades que mais impacto tiveram nos seus participantes. Além disto, está presente uma análise do Estudo de Públicos de Museus Nacionais (EPMN) realizado entre 2014 e 2015 pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), com o intuito de proporcionar informação atualizada e fiável sobre os públicos dos museus à tutela da DGPC, em modo específico o MNAC, fornecendo vários ângulos de informação sobre

os públicos, de modo a que seja possível encontrar soluções concretas e vantajosas para melhorar a relação entre as instituições museológicas e os seus visitantes.

O terceiro capítulo é referente à minha integração no Museu e às atividades que realizei ao longo do ano de estágio, descrevendo em que consistiram as mesmas e explicando o seu intuito e funcionamento.

Para finalizar apresento algumas considerações sobre a instituição e o período de estágio, refletindo sobre o mesmo, os seus desafios e as competências adquiridas e apresentando recomendações que considero contributivas para o bom desenvolvimento da instituição e a evolução das suas atividades e vivências.

As referências bibliográficas, e os apêndices e anexos, que detalham e ilustram o trabalho realizado, concluem o relatório.

## Capítulo 1 – Enquadramento

### 1.1. Mediação cultural e serviços educativos

“A mediação cultural é uma atividade educativa que visa revelar os significados e as relações através do uso de objetos originais, de experiências em primeira mão, de meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informações factuais.” (Tilden, 1977, p. 8). Esta é a definição dada por Freeman Tilden no seu livro *Interpreting Our Heritage*, e apesar de ter já algumas décadas, não deixa de ser absolutamente adequada.

Numa perspetiva mais atual, segundo a Escola Superior de Educação de Lisboa, a mediação cultural emergiu das transformações sociais e políticas que colocaram a cultura e o seu usufruto como um fator fulcral para exercer uma cidadania plena, assim como do facto de a criação artística ter começado a ser encarada como um estímulo ao desenvolvimento social e local. Assim, a mediação cultural atua como um modelo de intervenção que combina a democratização e a democracia cultural, com atenção à especificidade dos públicos, com vista ao desenvolvimento da cidadania.<sup>2</sup>

No fundo, a mediação cultural inclui as formas de interligação entre o objeto dotado de significado e o público, tendo o mediador cultural a responsabilidade de facilitar a compreensão das informações prestadas. A mediação cultural é realizada nos mais variados contextos e instituições culturais, desde museus a aquários ou jardins botânicos, utilizando um leque variado de estratégias de mediação adequados ao ambiente envolvente – percursos pedestres, obras de arte, teatros, meios audiovisuais... As opções são inúmeras, mas todas elas implicam a necessidade de presença de um mediador, e

---

<sup>2</sup> *Mediação Artística e Cultural | Escola Superior de Educação de Lisboa*. (2019). Eselx.ipl.pt. <https://www.eselx.ipl.pt/curso/licenciatura/mediacao-artistica-e-cultural>

partilham o objetivo de construir conhecimento e fomentar o espírito crítico no público, ajudando a dar sentido e significado àquilo que está a ser apresentado e, assim, enriquecer a experiência dos visitantes. Idealmente, o público conseguirá relacionar as novas informações adquiridas com acontecimentos das suas próprias vidas, refletindo sobre as suas perceções anteriores sobre os assuntos em discussão, dando origem a “visitantes conscientes” (Moscardo, 1996).

Após esta breve introdução relativa à definição de mediação cultural, que inevitavelmente se revela pertinente, dado que uma das funções dos Serviços Educativos é mediar os percursos e acervos, considero relevante explicitar o papel dos Serviços Educativos numa instituição cultural, bem como a sua introdução no panorama cultural português.

Essencialmente, o propósito do SE é estabelecer uma relação entre a instituição e as pessoas que a visitam, independentemente da idade e das vivências, sendo o setor que demonstra e dá vida ao trabalho desenvolvido por toda a equipa que integra a estrutura mais ampla, neste caso, o museu. Neste contexto, sendo o Serviço Educativo que recebe os visitantes, estes irão, inevitavelmente, associar a qualidade do SE à própria qualidade do museu, tendo o setor um papel bastante determinante. Para além disso, é quem trabalha no SE que consegue ter uma perspetiva ampla das opiniões e reações do público perante as obras, as exposições e as atividades desenvolvidas, devido ao contacto quase permanente com os visitantes, podendo assim contribuir de forma mais credível para as eventuais melhorias e alterações necessárias. No fundo, os Serviços Educativos, nos museus, pretendem elucidar sobre as obras e os contextos que lhes são inerentes, gerando significados que eram inexistentes, até então, para os visitantes, e também possibilitar uma experiência agradável aquando da visita, dando uma boa impressão sobre a instituição (C. F. patrimonio.pt, 2018)<sup>3</sup>. É, ainda, importante referir que os SEs utilizam a educação não formal para lidar com o seu público, sendo um modelo caracterizado pela hierarquia mais atenuada entre formadores e formandos, utilizando uma abordagem aos assuntos mais informal, estabelecendo uma relação de apoio e auxílio, não havendo

---

<sup>3</sup> patrimonio.pt. (5 Fevereiro, 2018). *Afinal para que servem os Serviços Educativos?* Património-Pt; patrimonio-pt. <https://www.patrimonio.pt/post/2018/02/05/afinal-para-que-servem-os-servi%C3%A7os-educativos>

avaliações, como é normal na educação formal das escolas. Para além disso, a aprendizagem no contexto não formal torna-se bastante coletiva e colaborativa, sendo um método que, ao ser mais flexível, permite a criação de uma maior ligação com o público e a adaptação dos conteúdos às suas necessidades (Marques et al., 201, pág. 1094-1095). É comum que exista, também, uma construção social do conhecimento, fomentando o desenvolvimento da cidadania dos visitantes, contribuindo para a formação da identidade dos indivíduos. Deste modo, o trabalho educativo num museu leva a que haja um progresso da sociedade em que está inserido, dotando os seus visitantes de conhecimentos úteis para as suas vidas, fomentando a “difusão do conhecimento e a análise crítica dos alunos através das experiências visuais vividas.” (Amador, 2011, pág. 9), reforçando que a educação não é exclusiva das escolas, e sim alargada a diversas instituições, entre as quais os museus. Para o efeito, torna-se indispensável que haja uma aposta na inovação e na melhoria dos espaços museológicos – diversificando o tipo de exposições, abordagens de mediação, atividades, suportes utilizados tanto nas exposições como durante as visitas... – de modo a se manterem atuais e atualizados, e atraentes para os mais variados tipos de público, resultando inevitavelmente no aumento do número de visitantes, e no nível de envolvimento para com as exposições por parte dos mesmos (Ezequiel, 2015). O artigo 42º da Lei-Quadro dos Museus Portugueses reforça a ideia de que parte do papel dos Serviços Educativos é impelir um desenvolvimento educativo e cultural permanente: o museu deve (...) “desenvolver de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais”<sup>4</sup>.

É, assim, possível concluir que os Serviços Educativos apresentam vários propósitos e objetivos que têm como base o reforço da educação formal prestada nas escolas, fazendo-se valer da flexibilidade da educação não-formal, que permite que os museus sejam um espaço de aquisição de novos conhecimentos enquanto modo de lazer, e que fomenta a aprendizagem ao longo da vida, sendo que a forma de apresentar os conteúdos é adaptada às diferentes faixas etárias, tornando os museus num espaço intergeracional e que permite a a transmissão de conhecimentos sobre o espaço e o seu acervo de forma acessível para

---

<sup>4</sup> Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto, (2004). *Lei Quadro dos Museus Portugueses*. Diário da República, nº195/2004. Série.I-A



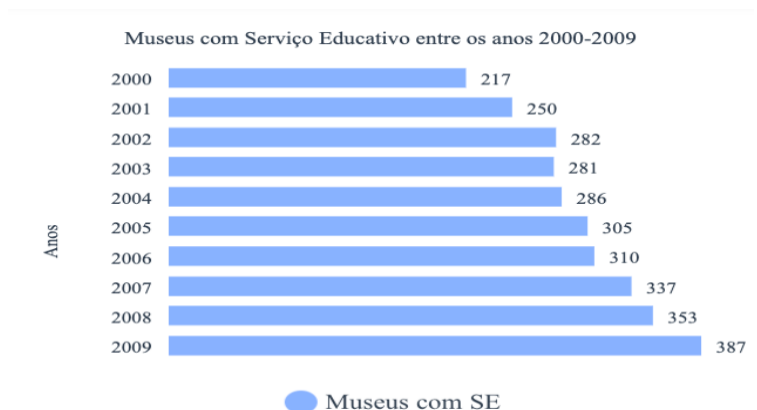
todos os tipos de público – desde os mais dotados de conhecimento aos mais leigos – fomentando a criatividade, o sentido crítico, e o desenvolvimento sociocultural e cognitivo dos visitantes. É ainda de realçar que a comunicação entre instituições de ensino e museológicas tem sido impulsionada pelos próprios Serviços Educativos, em anos mais recentes, aumentando a quantidade e diversidade de recursos educativos. (Anastácio, 2009).

## **1.2. Serviços educativos nos museus portugueses e papel dos museus**

“O Museu, instituição pública, acessível a todos os tipos de público, é um fenómeno recente; no entanto, as suas origens remontam à civilização grega. É a partir da 2ª Guerra Mundial que esta instituição passa a considerar-se ao serviço da comunidade, deixando, progressivamente, a sua tradição elitista e minoritária [...]. Estas mudanças redefinem o seu papel na acção educativa.” (Gonçalves *et al.*, 2011, p. 120)

Em *Serviços educativos na cultura*, Barriga e Gomes da Silva (2007) constataam que em Portugal, segundo o inquérito anual do Instituto Nacional de Estatística, no ano de 2002, dos 591 museus inquiridos, 48%, declararam dispor de Serviço Educativo, sendo uma percentagem ligeiramente mais elevada que as dos anos anteriores (em 2000 correspondia a 44%). Porém, é importante salientar que, no mesmo ano de 2002, 52% dos museus responderam não possuir um Serviço Educativo. No mesmo contexto, José Neves e colaboradores (2013) desenvolveram um estudo em que verificam que à data de 2009 já 62% dos museus afirmou fazer-se valer de um Serviço Educativo, sendo notável a evolução do panorama anteriormente observado, com uma subida de 18% comparativamente ao ano de 2000. Ainda assim, mantém-se uma percentagem de 40% de museus que não possuíam SE, sendo um valor ainda bastante elevado e preocupante.

No Gráfico 1 podemos observar a evolução da presença dos SE nos museus portugueses num período de nove anos, verificando-se uma evolução linear e positiva.

Gráfico 1 Museus com SE entre os anos 2000-2009 (Neves *et al.*, 2003, p.81-82 )

Mediante estes dados, ainda que seja observável uma tendência crescente relativa à existência de Serviços Educativos nos museus, torna-se ainda mais evidente a necessidade de realizar atividades pedagógicas nestas instituições, não só para atrair mais e diferentes tipos de público, mas também para que a educação não formal praticada pelos SE dos museus seja acessível a um maior número da população portuguesa, contribuindo em diversas áreas do desenvolvimento sociocultural, tal como já constatado.

Apesar dos valores pouco animadores, embora em evolução positiva, e da realidade ainda deficitária da presença de Serviços Educativos nos museus nacionais, é de referir que Portugal foi dos países pioneiros na introdução de atividades educativas nos museus, tendo as primeiras práticas ocorrido na década de 1950 no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), a cargo de João Couto e Madalena Cabral, que tinham como principal papel formar monitores e professores no prisma pedagógico do museu (Cortes, 2006), com a oficialização do SE do Museu a ocorrer em 1982. Ao longo da década de 70 o MNAA dispunha de três atividades principais: a colaboração com as escolas; a colaboração com os professores; e a formação de monitores, tendo estas sido impulsionadoras para a implementação destas práticas noutros museus portugueses, aprimorando e fomentando a parceria entre as escolas e as instituições museológicas. Posteriormente, o Museu Nacional do Traje insere também um SE na sua instituição, seguindo o exemplo do MNAA, com vista a desenvolver visitas, exposições, divulgar as coleções por meios audiovisuais, realizar cursos, colóquios, seminários e conferências referentes ao tema do Museu. Ou seja, a criação do SE possibilitou o crescimento da instituição, alargando a oferta de atividades, desenvolvendo parcerias e relações com outras instituições, e contribuindo, inevitavelmente, para a educação da população. Estes parâmetros estão

discriminados no Decreto-Lei no 863/76 de 23 de dezembro, que se constituiu a primeira medida legislativa em Portugal respeitante aos Serviços de Educação em museus.

A medida teve repercussões óbvias sobre o papel dos museus na população portuguesa, notáveis até aos dias de hoje, tendo despertado para a necessidade da educação para a cultura, com vista a ter uma população informada e instruída sobre a sua História e evolução, e a estimular uma cidadania ativa dos visitantes. Também foram medidas semelhantes à previamente mencionada que impulsionaram a formação de profissionais que pudessem ser responsáveis pelas atividades educativas, nomeadamente monitores e educadores, tendo os próprios museus o dever de facultar estas formações.

### **1.3. Ofertas educativas e captação de públicos**

Neste tópico irei apresentar conceitos fundamentais para o entendimento da vivência museológica, explorando a diversidade de abordagens na ação educativa dos museus, e os objetivos com que são dinamizadas as visitas e atividades, e as diferentes formas que as mesmas podem assumir.

Numa primeira instância, é importante definir o conceito de “visita de estudo”, tal como consta no Despacho n.º 6147/2019: “«Visita de estudo», atividade curricular intencional e pedagogicamente planeada pelos docentes destinada à aquisição, desenvolvimento ou consolidação de aprendizagens, realizada fora do espaço escolar, tendo em vista alcançar as áreas de competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e, quando aplicável, no perfil profissional associado à respetiva qualificação do Catálogo Nacional de Qualificações”<sup>5</sup>. Posto isto, é perceptível que o intuito das visitas de estudo é promover o contacto com os objetos de estudo, presentes no currículo escolar, e estimular a reflexão e pensamento crítico sobre os mesmos, e é neste contexto que as visitas orientadas tomam o seu papel, dado que são estas e os seus autores que impulsionam a própria reflexão e a concretização adequada de qualquer visita

---

<sup>5</sup> Despacho n.º 6147/2019, de 4 de julho (2019) Diário da República n.º 126/2019, Série II de 2019-07-04, páginas 18990-18992.

de estudo. Oliveira (2008) expõe a perspectiva de DeWitt e Osbourne (2007, p. 24), afirmando que as visitas orientadas em museus permitem:

- “Reforçar a aprendizagem efectuada durante a realização da Visita de Estudo;
- Incentivar o trabalho colaborativo entre alunos e professores e alunos para a concretização de um trabalho conjunto na construção de um novo conhecimento;
- Estreitar relações de convívio e promover o diálogo entre alunos e professores;
- Despertar a curiosidade e o interesse dos alunos para prosseguirem o propósito da actividade durante a realização da Visita de Estudo;
- Desafiar os alunos a estenderem os seus conhecimentos a situações diferentes do contexto sala de aula e, como tal, a desenvolverem-se conceptualmente;
- O desenvolvimento pessoal dos alunos, onde estes podem transpor as suas experiências vividas durante a actividade, para o seu meio familiar atendendo a todo um conjunto de variáveis que caracterizam o seu dia a dia;
- Desenvolver destrezas concernentes à escrita, anotação, organização, sistematização e comunicação da reflexão e da consolidação dos conhecimentos aprendidos aos restantes colegas”.

Assim, percebemos que estas visitas são realizadas com objetivos que vão muito além do cumprimento do currículo escolar, tendo uma vertente muito clara ao nível do desenvolvimento pessoal e social, e da cidadania dos alunos.

Novamente em Oliveira (2008), é-nos apresentado um estudo desenvolvido por Kisiel, em 2005, que teve o propósito de investigar o que impele os professores a realizarem visitas de estudo em museus, afirmando os inquiridos que estas visitas proporcionam oportunidades de completar as matrizes escolares e permitem que os alunos obtenham um conhecimento mais abrangente das matérias em causa. Acrescentaram que o facto de haver uma alteração do contexto de aprendizagem e da rotina diária estimula o interesse e curiosidade dos alunos sobre os temas apresentados, representando um impacto positivo em aprendizagens futuras, dado que, deste modo, aprendem de forma divertida, dinâmica e significativa, levando a que se lembrem com maior facilidade dos objetos de estudo – o que fomenta a aprendizagem ao longo da vida e comprova que se pode aprender fora do contexto escolar.

Focando agora nas visitas orientadas em museus, estas têm como premissa primordial incitar uma ligação entre as obras em exposição e o cotidiano dos visitantes, permitindo que estabeleçam relações entre as mesmas e que consigam identificar algum tipo de semelhanças com o seu dia a dia, dando, assim, ênfase à aprendizagem significativa e reforçando o caráter dos museus enquanto espaço de aprendizagem formal e não formal, dado que dotam o seu público de competências interpretativas e instigam o pensamento crítico, promovendo o desenvolvimento de uma identidade pessoal e coletiva, como já previamente mencionado. Torna-se evidente que o público desfruta realmente das visitas orientadas, uma vez que facultam um nível de conhecimento sobre as exposições que, de outra forma seria quase inalcançável, o que resulta, conseqüentemente, numa consciencialização para a necessidade da conservação e preservação dos acervos, fator bastante importante, dado que a salvaguarda do património cultural deve ser do interesse de todo o público, sendo que é esse património que possibilita o estudo e investigação sobre o nosso passado.

“O museu é uma instituição cultural intrinsecamente educativa, o que não significa que tudo o que realiza seja expressamente pedagógico [...]. Assim, o museu converte-se num instrumento de aprendizagem, em benefício dos alunos, cujo maior ou menor grau de êxito dependerá fundamentalmente do museu e dos professores” (Valdés Sagüés, 1999, p.78-79)

As visitas orientadas podem assumir diferentes formas, orientações e estratégias, sendo adaptadas às necessidades específicas de cada grupo-alvo e aos recursos técnicos e humanos disponíveis: podem ter um carácter mais transmissivo, mais interativo, pode haver uma gamificação da visita, podem existir momentos lúdicos e atividades ao longo das visitas (ex.: dramatizações, desenhos, jogos...). As opções são vastas, mas, de certo modo, decisivas para o sucesso da visita e captação do público, havendo sempre o intuito de que haja participação por parte dos alunos, de forma a gerar algum tipo de discussão, o que promove o pensamento crítico, já previamente referido, havendo assim uma “descoberta orientada” (Sakofs, 1984, citado por Massarani et al., 2007)

Finalmente, num mundo cada vez mais tecnológico e digital é fundamental que os museus se mantenham atualizados neste aspecto, possibilitando uma maior interação do público com o acervo e facilitando a compreensão do mesmo. Assim, têm vindo a ser introduzidos, de forma gradual, instrumentos que dinamizam as visitas – tendo começado pelas visitas áudio, com áudio-guias através de cassetes e auscultadores, e evoluído para

a presença de *tablets* e computadores, entre outros meios tecnológicos, que permitem a interação dos visitantes, envolvendo-os na visita, e estimulando a curiosidade e o interesse ao longo da mesma.

É ainda de elevada relevância incluir todos os tipos de públicos nas visitas, diversas faixas etárias, desde os mais eruditos aos mais leigos, com condicionamentos ou dificuldades visuais, auditivas, ou motoras, entre outros. Por isso, os percursos, idealmente, devem estar preparados para receber qualquer tipo de visitante, o que implica facilidades de acessos, como espaços amplos e rampas/elevadores, ampliações visuais dos textos informativos, folhetos informativos com diferentes níveis de conteúdo (desde a linguagem mais técnica à mais acessível, C.F anexos 7 e 8) e com texto em braille, disponibilização dos textos em diferentes idiomas, gravações áudio ao longo dos espaços (não só para visitantes com deficiência visual, mas também para o público geral e analfabeto)... adicionalmente, a disponibilização de percursos táteis seria, também, bastante benéfico tanto para os visitantes com incapacidades visuais, como para o museu, que estaria apto a proporcionar experiências de qualidade a este tipo de visitantes. Quando se trata de esculturas e estátuas, o ideal seria que os visitantes pudessem tatear as obras originais (através de luvas invisíveis), uma vez que têm um nível de interesse bastante maior do que qualquer réplica, no entanto, caso tal não seja possível devido às condições da obra ou do seu valor, há sempre a hipótese de reproduzir réplicas simplificadas das obras originais, permitindo que os visitantes com visão reduzida possam ter uma noção da peça. No caso das pinturas, uma ótima forma de proporcionar uma visita elucidativa a estes visitantes é através da representação das imagens em relevo – ainda que se trate, também, de uma imagem simplificada, facilita a compreensão das descrições feitas pelo guia ou pelos textos (C.F anexo 9). Falamos, então, de acessibilidade, e consequentemente, inclusão, conceitos distintos, mas que se correlacionam na perfeição. Assim, entendemos por acessibilidade ser tudo aquilo que permite qualquer pessoa incapacitada ter acesso adequado quer aos espaços e instalações, quer às informações neles presentes, incluindo “a entrada e circulação no edifício, a sinalética, a comunicação e a divulgação, a segurança (...)” (Mineiro et al., 2017). Para além destes fatores, é também de grande relevância que as instituições, de modo a serem verdadeiramente inclusivas, tenham a capacidade de receber pessoas com deficiência e incapacidades enquanto seus colaboradores e voluntários, incluindo realmente estes grupos de pessoas

no cotidiano dos estabelecimentos. Não sendo a acessibilidade uma condição estanque, é algo que deve ser alvo de avaliações periódicas, certificando que as práticas em vigor são, verdadeiramente, as que melhor servem os grupos que delas necessitam, sendo também algo que “abrange todos os setores de atividade e a prática quotidiana de todos os funcionários de modo envolvente e transversal na vida das instituições” (Mineiro et al., 2017).

No que toca à qualidade da visita, segundo Durão (2009) existem vários fatores que a influenciam, em especial, relativamente à atenção e interação por parte dos visitantes, destacando:

- O guia – torna-se o agente mais importante da visita por ser aquele que a orienta, e gera e permite interações por parte dos alunos, sendo essencial que o guia apresente entusiasmo e domínio pelos temas que aborda, adaptando sempre a sua linguagem às necessidades específicas de cada grupo.
- O tamanho do grupo – focando no contexto escolar, os grupos de visitantes costumam ser bastante numerosos, o que não é o ideal para sítios como os museus, onde o espaço é condicionado pela disposição das obras. Por isso, para estes casos, Brown (2002) sugere que o grupo principal seja dividido, de modo que parte possa estar a usufruir da visita orientada, enquanto os restantes estão ocupados com atividades complementares, permitindo, assim, que as visitas decorram mais fluidamente e sem percalços. No lado oposto, caso o grupo seja demasiado pequeno, a criação de dinâmicas e interações com o público pode-se tornar numa tarefa mais complicada para o guia, pondo em causa o sucesso da visita.
- A linguagem e tipo de informação – estes fatores variam, necessariamente, consoante o tipo de visitantes, o que é demasiada informação para uns, não o é para outros, por exemplo. No entanto, Durão refere Howard (2003), ao afirmar que informação em excesso pode impedir que a informação essencial seja transmitida com êxito, havendo uma perda de qualidade do conteúdo, aconselhando o autor a que haja uma estrutura e sequência lógica pré-definida para a visita.

É, então, possível concluir que as visitas orientadas são atividades educativas de relevância incontornável para a generalidade da população, permitindo dar a conhecer e entender o património cultural do país. É determinante o papel do educador nestas visitas,

uma vez que tem a responsabilidade de transmitir o seu conhecimento de forma clara e acessível para todos os tipos de público, estabelecendo uma relação de proximidade com os mesmos, de maneira que haja interação e participação ativa dos visitantes, estimulando o pensamento crítico. Revela-se ainda importante que as visitas sejam dinâmicas e que se façam valer de momentos lúdicos e de atividades, uma vez que estes são captadores de atenção: assim, os visitantes têm a oportunidade de adquirir conhecimentos importantes e aprender significativamente de forma mais descontraída e com maior envolvimento.

#### **1.4. Direção-Geral do Património Cultural e Rede Portuguesa de Museus**

A Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) é a entidade responsável por gerir o património cultural em Portugal continental. As funções e serviços disponibilizados são concretizados por uma eclética e alargada equipa, com competências e valências que cobrem, praticamente, todos os domínios técnicos e científicos, distribuindo-se por serviços centrais, sediados em Lisboa, e em Museus, Monumentos e Palácios, localizados em diferentes pontos do país, gerindo, diretamente, 25 monumentos e museus, onde se incluem 5 monumentos inscritos na lista do património mundial da UNESCO e 15 museus nacionais.<sup>6</sup>

Cabe, ainda, à DGPC contribuir para a realização de estudos, investigações e para a divulgação do Património imóvel, móvel e imaterial, fazer a gestão do património edificado arquitetónico e arqueológico no território e nas cidades, concretizar as obras de conservação nos grandes monumentos, tutelar a gestão dos Museus Nacionais e monumentos classificados como Património Mundial, coordenar a Rede Portuguesa de Museus (RPM), documentar e catalogar o património imaterial, indo até às intervenções de conservação e restauro de peças de património móvel e integrado.

---

<sup>6</sup> DGPC | Apresentação. (2014). Patrimoniocultural.gov.pt.  
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>



A Rede Portuguesa de Museus é composta por 165 museus, compreendendo um grande espólio de coleções, tutelas, espaços e instalações, que permitem o desenvolvimento das mais variadas atividades educativas e culturais, tornando-se, indubitavelmente, num símbolo de qualidade e rigor na prática museológica, valorizando, inquestionavelmente, todos os museus pertencentes à rede, inculcando-lhes valências e estratégias para que possam alcançar bons resultados. Este expandir da RPM e dos seus serviços qualificados vem reforçar a “crescente importância dos museus enquanto agentes facilitadores da mudança social e catalisadores do desenvolvimento cultural, económico e social do país.” (DGPC – Museus e Monumentos – Rede Portuguesa de Museus, 2014)

A RPM teve origem em 2000, numa Estrutura de Projeto que se encontrava dependente do Instituto Português de Museus, e, desde a sua criação, tornou-se num instrumento fundamental para a execução da política museológica nacional e na qualificação dos museus lusitanos. Como principais objetivos destacam-se: “a valorização e a qualificação da realidade museológica nacional, a cooperação institucional e a articulação entre museus, a descentralização de recursos, o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos, decorrentes da aplicação de fundos comunitários, em museus, a difusão da informação relativa aos museus, a promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas, o fomento da articulação entre museus e a valorização formativa dos seus profissionais.” (DGPC – Museus e Monumentos – Rede Portuguesa de Museus, 2014)

Citando o site da DGPC:

“Enquanto estrutura de articulação e plataforma de comunicação e de apoio aos museus da RPM, a Direção-Geral do Património Cultural – através do Departamento de Museus, Conservação e Credenciação (DMCC) e da Divisão de Museus e Credenciação (DMC) – procura incentivar o reforço da transversalidade de iniciativas e da comunicação entre os próprios museus da Rede e apoiar a formação, a informação / divulgação e a qualificação dos museus da RPM.”

(DGPC – Museus e Monumentos – Rede Portuguesa de Museus, 2014)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> DGPC / Museus e Monumentos / Rede Portuguesa de Museus. (2014). Patrimoniocultural.gov.pt. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

Importa, por fim, destacar alguns dos Museus e Monumentos integrantes da RPM, estando entre eles o Museu Nacional de Arte Contemporânea, o Museu Nacional de Arte Antiga o Palácio Nacional da Ajuda, Mosteiro dos Jerónimos, Mosteiro da Batalha e de Alcobaça, Panteão Nacional, Palácio Nacional de Mafra, Museu Nacional dos Coches, Torre de Belém, e em Coimbra o Museu Nacional de Machado de Castro e o Museu da Ciência e de História Natural da Universidade de Coimbra, que integrou a Rede em Setembro de 2022, havendo, evidentemente, muitas outras instituições espalhadas por todo o território nacional.

### **1.5. Impacto da pandemia nas atividades culturais**

No ano de 2020 surgiu a pandemia da *COVID-19*, circunstância que impactou seriamente o quotidiano de todos nós, ao impedir os contactos sociais e, por isso, o normal funcionamento da sociedade, afetando em massa muitos dos setores de trabalho. As suas repercussões, ainda que com menor intensidade, continuam a ser sentidas por todo o mundo atualmente, tendo tido consequências mais manifestas até ao início de 2022. Ainda que muitos setores tenham tido a possibilidade de se reinventar com êxito de forma a colmatar as sequelas da pandemia, as áreas da cultura e da educação não tiveram a mesma fortuna – apesar de todos os esforços para manter a qualidade destas áreas (aulas *online* e telescola, visitas guiadas, concertos e teatros *online*...) tornou-se inegável que são dois setores que necessitam da componente humana e física, sensorial, para poderem resultar, pelo que foi prejudicada a qualidade do trabalho de professores e educadores, bem como de artistas e criativos, que viram os seus projetos cancelados ou postos em pausa por tempo indeterminado. Por outro lado, podemos reconhecer um aspecto mais positivo resultante da situação pandémica na indústria da cultura: nunca houve tanta oferta de conteúdos digitais gratuitos disponíveis para toda a população, dando a conhecer muito do património cultural português aos interessados (facto que se mantém atual), comprovando o carácter fundamental da cultura na vida de qualquer um, sendo estes tipos de iniciativas que entretiveram os dias de tantas famílias ao longo da fase mais crítica da

pandemia.<sup>8</sup> Para além disso, foi a pandemia que estimulou muitos dos museus a investirem na sua pegada digital e a desenvolverem conteúdos virtuais e interativos, tal como referido por Maria Amélia Cupertino de Miranda (Presidente da Fundação António Cupertino de Miranda) à Lusa: “a pandemia teve o lado positivo de acelerar a transição digital nas instituições museológicas”.<sup>9</sup>

No caso específico dos museus, segundo José Soares Neves, presidente do Observatório Português de Actividades Culturais (OPAC) estes “perderam entre 70% e 80% dos visitantes” devido às restrições sociais impostas pela pandemia, e se a média da população portuguesa que visita museus já ficava muito aquém da média europeia (apenas um quarto da população) a situação pandémica apenas veio acentuar esta discrepância, tendo sido evidente a falta de apoios por parte do governo e ministérios para colmatar as complicações na indústria da cultura, em especial para com museus, dado que estes prestam um serviço educativo à sociedade.<sup>10</sup>

Durante vários meses, as escolas foram impossibilitadas de realizar as habituais visitas de estudo, e mesmo quando tal já era autorizado, a lotação de pessoas por espaço impedia que as mesmas se realizassem, uma vez que não era permitido exceder um determinado número de pessoas dentro do mesmo espaço, com a agravante das quarentenas obrigatórias devido a casos de *COVID-19*, prejudicando não só a qualidade da educação dos alunos, como também o trabalho dos Serviços Educativos, tendo sido impossibilitados de realizar atividades como seria normal outrora, e sendo bastante escassas as marcações para visitas orientadas. Dando o exemplo concreto do MNAC, apenas em fevereiro de 2022 se começou a observar um fluxo crescente de visitantes, tanto independentes, como grupos com visitas agendadas – até então foram esporádicas as visitas orientadas e as atividades realizadas no espaço museológico.

---

<sup>8</sup> Machado, A. C. (2020, April 23). *A indústria da cultura e o impacto do Covid-19*. Gqportugal.pt. <https://www.gqportugal.pt/impacto-coronavirus-na-cultura>

<sup>9</sup> Lusa. (2021, March 24). *Covid-19: Museus portugueses perderam 70% a 80% dos visitantes*. PÚBLICO; Público. <https://www.publico.pt/2021/03/24/culturaipsilon/noticia/covid19-museus-portugueses-perderam-70-80-visitantes-1955792>

<sup>10</sup> Lusa. (2021, March 24). *Covid-19: Museus portugueses perderam 70% a 80% dos visitantes*. PÚBLICO; Público. <https://www.publico.pt/2021/03/24/culturaipsilon/noticia/covid19-museus-portugueses-perderam-70-80-visitantes-1955792>



## **Capítulo 2 – Contexto do estágio**

### **2.1. Caracterização da instituição de acolhimento**

O Museu Nacional da Arte Contemporânea (MNAC) é reconhecido como o museu pioneiro da arte contemporânea em Portugal, e a nível internacional, tendo sido inaugurado em 1911, e reconstruído na íntegra em 1994, sob a visão do arquiteto francês Jean-Michel Willmotte. Contando com um catálogo vasto e bastante rico de obras de arte representativas dos diferentes movimentos artísticos e eventos sociais no nosso país, em destaque o Modernismo, e a fase da Revolução Republicana, estando esta época bastante bem representada na coleção, podem destacar-se os artistas: Miguel Ângelo Lupi, Columbano Bordallo Pinheiro, Veloso Salgado, José Malhoa, Amadeo de Souza-Cardoso, Sousa Lopes, Mário Eloy, Almada Negreiros, Fernando Lanhas, Joaquim Rodrigo, Lourdes Castro, Helena Almeida, Ângela Ferreira, João Pedro Vale... entre muitos outros.

O MNAC está instalado na zona histórica de Lisboa, mais concretamente, no antigo Convento de São Francisco, que se tornou num espaço laico aquando da extinção das ordens religiosas, tendo sido, durante uma parte do século XIX, uma fábrica de bolachas, antes de se tornar Museu, daí a existência da Sala dos Fornos, que foi adaptada para uma sala de exposições. Assim, ao visitar o MNAC encontramos três edifícios onde são realizadas exposições com obras desde o século XIX até à atualidade, sendo notável a diversidade e versatilidade do Museu, apostando também num amplo programa de encontros transdisciplinares (com colecionadores, artistas, historiadores de arte, cientistas e outros investigadores das diversas áreas do saber), cursos, conferências e publicações, que geram uma maior abrangência e diversidade de públicos. Realiza ainda um importante trabalho a nível da divulgação e da investigação, com a publicação de

catálogos relativos às exposições integrantes no Museu, impulsionando, desta forma, uma maior valorização do património nacional, apostando, ainda em parcerias com entidades e mecenas que possam ser úteis para ampliar o leque e qualidade de oferta do Museu.

O Museu está aberto ao público de terça-feira a domingo, das 10 horas às 18 horas, encerrando apenas, além das segundas-feiras, nos principais feriados nacionais e no feriado municipal de Lisboa, a 13 de junho. É um museu que beneficia bastante da sua localização: estando localizado no Chiado o seu acesso é bastante facilitado pela vasta rede de transportes públicos que a cidade oferece, estando a poucos metros, por exemplo, da estação de metro Baixa-Chiado.

O MNAC destaca-se pelas suas exposições temporárias, que são compostas tanto por obras da Coleção do Museu, como por acervos de colecionadores privados, projetos autorais, quer de curadores do Museu quer de convidados, e projetos de artistas contemporâneos especificamente criados para o Museu, sendo estas exposições, geralmente, temáticas – em exposição permanente mantêm-se apenas as esculturas e a pintura do *Grupo do Leão*, do naturalista Columbano Bordallo Pinheiro.

Neste contexto, é também relevante mencionar que, de forma a assinalar os 110 anos do MNAC, a fachada do mesmo foi alvo de uma intervenção artística, a cargo do artista convidado Pires Vieira, “com uma nova cor que referencia, de modo histórico, a paleta oitocentista do azul-celeste, ao mesmo tempo que reabilita a imagem do edifício, afirmando a sua identidade como espaço de artes.” (MNAC, 2021).

De modo a dinamizar o Museu, o MNAC possibilita a cedência do espaço museológico para diversos fins, sendo necessário um contacto por escrito direcionado à Diretora, onde seja exposto as atividades a desenvolver, o espaço pretendido, os equipamentos a utilizar, o número de pessoas previstas, o horário em que decorrerão a atividades, e as entidades envolvidas. Só após a prestação destas informações será feito o orçamento para a cedência de espaço, estando disponíveis o Hall, o Jardim de Escultura e a Sala Polivalente. Para a cedência e captação de imagens e filmagens o processo é bastante semelhante, sendo necessário, também, discriminar os meios de difusão previstos para a distribuição do produto final, a sinopse ou guião do projeto e os responsáveis pelo mesmo, e o número e identificação dos elementos da equipa técnica. Estas normas são idênticas para todos os serviços tutelados pela DGPC.

Tal como observado em diversos outros meios profissionais e educacionais, também o MNAC teve de se reinventar devido à pandemia de COVID-19, enfrentada ao longo dos últimos dois anos, e, para o efeito, foi feita uma aposta ao nível das visitas guiadas *online* – tanto para escolas, como para grupos interessados – e o reforço da utilização da plataforma *Google Art Project*<sup>11</sup>, que permite que toda a população tenha acesso, à distância de um *click* e de forma gratuita, às obras de arte da coleção do Museu, fator que ajuda a cumprir uma das principais missões do MNAC: “contribuir para o panorama artístico nacional e para a internacionalização da arte portuguesa”. (MNAC, 2021)

Para que o MNAC proporcione a melhor experiência possível ao seu público, é necessária uma equipa bastante competente a organizar cada pormenor das exposições, atividades, e bom funcionamento geral do Museu, e, como tal, podemos identificar os departamentos da Direção, da Curadoria, da Produção, do Serviço Educativo, da Administração, da Comunicação, Centro de Documentação/Biblioteca, e a Segurança, sendo gerido a par com a Direção-Geral do Património Cultural. Um facto a ressaltar, é que as equipas do Museu são compostas, na sua larga maioria, por mulheres, o que tem levado, por iniciativa da própria diretora do Museu, a que haja um enorme sentimento de consciência do quão importante é dar a conhecer obras de artistas femininas, uma vez que raramente são tópico de discussão no meio.

É, ainda, relevante destacar os Mecenas e Patrocinadores que contribuem para o aumento e enriquecimento da coleção do Museu, nomeadamente a Fundação Millennium bcp, que tem a sua própria Galeria no Museu, inaugurada a 21 de junho de 2021, revelando-se como uma relação única no panorama Nacional, que, para além de ter recuperado um espaço até então em ruínas, permitiu que o espaço expositivo do MNAC fosse expandido, contribuindo para uma certa reafirmação na contemporaneidade. A programação está, no entanto, ao cargo do MNAC, com curadorias internas e/ou de curadores convidados, contando sempre com o mecenato da Fundação.

Apesar de ser um Museu Nacional, com um estatuto e reconhecimento notáveis, enfrenta inúmeras dificuldades quase incontornáveis, precisamente devido à sua dependência para com o Estado, nomeadamente, o facto de não poder adquirir novas obras de arte para o

---

<sup>11</sup> <https://artsandculture.google.com/partner/museu-do-chiado?hl=pt-PT>

aumento e diversificação da coleção. Para além disso, as condições técnicas e informáticas não são as mais favoráveis, dada a não existência de *WI-FI* para o público em geral e de não ser de carácter livre para o *staff*, estando disponível apenas nos computadores já pré-definidos. Há ainda o problema de as equipas serem bastante pequenas, sem grande possibilidade de contratar novos profissionais para as completarem, obrigando a que cada funcionário acumule cargos e desempenhe tarefas variadas, e não apenas os que competem à sua área principal.

Atualmente, o Museu tem a Prof. Doutora Emília Ferreira como diretora, uma historiadora de arte, que para além do cargo capital enquanto diretora, atua como Curadora no MNAC, tendo à data da escrita deste relatório, em exibição a exposição *A Outra Vida dos Animais*, que pode ser visitada na Galeria Millennium bcp do MNAC. Uma das lutas da sua Direção tem sido a defesa da autonomia fiscal dos museus, constando o tema em diversas entrevistas dadas pela diretora; isto porque as burocracias que existem para que os museus do Estado possam contratar pessoal ou adquirir bens “supérfluos” são colossais, dificultando em muito a evolução e diversificação do trabalho museológico, que acaba por afetar a adesão do público e, inevitavelmente, a qualidade do trabalho prestado.

Tendo presenciado esta questão de perto, sinto que os museus nacionais estão presos a amarras, com muito pouca autonomia perante as instituições superiores – como o Estado e a DGPC – sendo-lhes impossível desenvolver um trabalho coeso e fluído sem terem de prestar justificações frívolas sobre cada um dos seus passos. Diversas atividades poderiam ser desenvolvidas na área do Serviço Educativo e não o são, pois implicariam despesas que o Museu, por si só, não tem verba para suportar.

“A realidade dos museus não se compadece com burocracias”  
(Emília Ferreira, Diretora do MNAC, em entrevista à Lusa, 2018)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Lusa. (2018, October 27). Entrevista: Diretora do Museu do Chiado defende autonomia que inclua número fiscal. *Diário de Notícias*.



## 2.2. Histórico e atualidade do Serviço Educativo do MNAC

O Serviço Educativo do MNAC, demonstrando uma elevada qualidade profissional, ao nível do conteúdo transmitido e de atividades propostas e dinamizadas, encontra-se algo debilitado, sendo o exemplo perfeito da necessidade incontestável de contratar mais profissionais para o Museu. De facto, com apenas uma pessoa responsável por todo o departamento, torna-se impossível prestar um trabalho de alta qualidade: uma só pessoa não consegue dar resposta aos grandes grupos que marcam visitas orientadas, e impede, por exemplo, o Museu de ter em calendário diferentes tipos de atividades durante o mesmo período, tal como se observa em instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian<sup>13</sup>. Este é um estado que se observa há mais de uma década, segundo os relatórios a que tive acesso e de que falarei em seguida, evidenciando a necessidade de reforma deste departamento e da forma como o mesmo é encarado pelas entidades superiores.

Encontrar informações sobre o histórico do Serviço Educativo foi, também, tarefa difícil devido a burocracias do próprio Museu para aceder a documentos. No entanto, através de planos de atividades antigos (de 2007 a 2012) foi-me possível entender um pouco mais do passado do SE, e os números de visitantes que usufruíram tanto das visitas orientadas, como das diversas atividades realizadas na altura.

No ano de 2007, 2352 pessoas participaram em atividades relativas à exposição *Columbano Bordalo Pinheiro*, tendo existido visitas orientadas para diferentes públicos: residentes na freguesia; exclusivas para colegas de outros museus, que focavam mais o processo de investigação e montagem das exposições; cursos para professores de História, História da Arte, e Humanidades; oficinas pedagógicas, e ateliers para pais e filhos, de forma a incentivar a visita ao museu. Presente no relatório está a afirmação de que os números de participantes observados durante todas estas atividades foram absolutamente “inéditos”, justificando-se pela programação adequada, referindo, no entanto, os “meios escassos” para a desenvolver. No mesmo ano, para as restantes

---

<sup>13</sup> *Escolas e grupos escolares*. (2022, January 11). Gulbenkian Descobrir. <https://gulbenkian.pt/descobrir/escolas-e-grupos-escolares/>

exposições, realizaram-se o mesmo tipo de atividades referidas anteriormente, variando apenas o número de participantes e a adesão dos diferentes públicos-alvo. Foi também comemorado o Dia Internacional dos Museus, com atividades gratuitas para todas as faixas etárias e oficinas pedagógicas, sendo afirmado no relatório “O SE recebeu em seis horas mais de 800 pessoas num total de 12 visitas.”, evidenciando o sucesso das atividades realizadas na data comemorativa.

Foi no ano de 2007 que o Museu se propôs um programa de estágio no SE, havendo já na época uma grande falha neste departamento, que era também composto por apenas um técnico – um fator empobrecedor e limitativo. Assim, 15 pessoas recém-licenciadas deram entrada no Museu enquanto estagiárias, a cargo da técnica de educação na época, que lhes prestou formação na área dos públicos e da psicopedagogia artística, de modo a que conseguissem desenvolver um trabalho completo.

Os anos que se seguiram decorreram dentro dos mesmos moldes, com diversas oficinas, ateliers para famílias, conferências, conversas, visitas orientadas e comentadas para diferentes ocasiões e tipos de público, comemorações de dias importantes..., variando apenas nos temas das exposições e na afluência a determinadas atividades. O Museu continuou a receber estagiários para o departamento do Serviço Educativo e a acompanhar investigações para Mestrados e Doutoramentos, apostando ainda em sessões de formação para professores e técnicos da área museológica. Em 2009 desenvolveu-se uma orientação especializada para alunos finalistas de Escolas Superiores de Educação e de Medicina, das áreas da educação e saúde mental, que consistiu na “criação e concepção de projectos pedagógicos, no âmbito da abordagem metodológica e cruzamento de interpretação nos conceitos da emoção, fruição e comunicação.”

Com vista a tornar o Museu um espaço acessível para todos os públicos, desde 2007, a técnica responsável pelo SE encontrava-se envolvida com o GAM (Grupo voluntário para a Acessibilidade nos Museus), conhecido atualmente como “Acesso Cultura”, participando em reuniões mensais desde então, tendo o MNAC, em 2009, recebido e organizado dois destes encontros, situação que se repetiu nos anos seguintes.

Destaco, no ano de 2010, a parceria com a Portugal Telecom/Portal Sapo, que deu origem aos Jogos MNAC – 4 jogos temáticos, online, indicados para crianças até aos 10 anos,

intitulados: “Uma paleta para uma pintura”, “Colorir entre linhas”, “Jogo *puzzle*” e “Jogo dos pares”.

Ao longo destes anos, de 2007 a 2012, foi visível a colaboração entre o Museu e diversas instituições de ensino dos vários níveis, realizando não só estágios curriculares, mas também contribuindo com Cursos de Formação para Professores, acompanhando investigações de Mestrados e Doutoramentos, como anteriormente referido, colaborando em projetos de integração social educativa, e participando no Acordo de Cooperação entre o Ministério da Educação e o agrupamento de Escolas Baixa – Chiado e o MNAC.

É notável a participação da antiga técnica do SE em diversas conferências e eventos relacionados com os Serviços Educativos portugueses, havendo um foco para a proliferação da importância dos mesmos no panorama da cultura, sendo essencial desenvolvê-los de modo deliberado, apostando na psicopedagogia, na melhoria dos materiais pedagógicos, e, entre outros, elevar as verbas para os mesmos, uma vez que muitas atividades dependem de fatores financeiros para serem concretizadas (luta esta que continua bastante atual, tendo já sido mencionada, inclusivamente).

Avançando para um passado mais recente, ao longo dos dois anos de pandemia o Museu apostou nas visitas online para as escolas que assim o desejassem, e desenvolveu o projeto *Fungagá das Artes*, uma iniciativa online e gratuita para “miúdos e graúdos” que quisessem desenvolver as suas habilidades nas artísticas. O projeto contou com 21 sessões em direto via *Zoom*, que decorriam durante os fins de semana, tendo como premissa fazer companhia ao longo de todo o confinamento. O projeto teve a parceria do Fundação Millennium bcp, Mecenaz do Museu, e tinha também o intuito de as crianças e as suas famílias poderem usar os trabalhos realizados ao longo das aulas como ingresso para o MNAC, ao longo dos dois primeiros meses pós-confinamento. No seu auge, o projeto chegou a ter 43 mil famílias a assistirem em direto. O *Fungagá das Artes* contou com a coordenação de Emília Ferreira e Hilda Frias, respetivamente, Diretora do MNAC e Técnica do SE, e António Faria e Nelson Ferreira, que dinamizavam as sessões. O impacto do projeto foi incontestável, de tal modo que foi distinguido pela Associação Portuguesa de Museologia com o Prémio Nacional – Melhor Projeto Educativo APOM 2021. As aulas de arte continuam disponíveis para todos através do canal de YouTube do artista Nelson Ferreira.

No presente, o SE tem vindo a desenvolver oficinas temáticas, atividades comemorativas de efemérides como o Dia Internacional da Cor, Dia Internacional dos Museus, Dia da Criança, e também, mais recentemente, no âmbito da exposição *A Outra Vida dos Animais* estão anunciadas uma conferência “Do livro infantil como arte”; visitas com atividades, nomeadamente: “Baralhando e Desembaralhando”, que conta com jogos e charadas; *workshops*: “Monstrinhos à Solta no MNAC | Workshop de Ilustração” e “Desenhando movimento – uma introdução à Animação”; oficinas: “Descobre as Diferenças”, “Animais e os Seus Sentimentos”, e “O Zoo do MNAC”. O facto de a exposição ser direcionada ao público mais jovem gera a oportunidade de diversificar as atividades do Serviço Educativo, aliciando miúdos e graúdos a participarem nas atividades propostas, especialmente ao longo dos meses do verão. Para além de todas estas atividades, está em calendário o atelier “Verão Azul no MNAC”, que terá a duração de três dias.

Por último, creio ser importante e interessante olhar para um passado mais longínquo do MNAC, recuando até 1997, ano em que o Museu publicou livros de percurso táctil para os visitantes com deficiências visuais que estão disponíveis na Biblioteca do MNAC. Estes livros pretendem guiar e explicar as esculturas que ocupam a exposição permanente do Museu (C.F. anexos 1 a 6). Embora estas visitas já não se encontrem em vigor, sabemos que decorriam com o auxílio de um guia ou o técnico do SE, e nelas era permitido que os participantes tateassem as obras, com luvas próprias, de modo a terem uma perceção real do que lhes era descrito. No presente continuam a haver pedidos para visitas neste formato, por isso considero importante que o Museu estenda as suas acessibilidades, como fez anteriormente, possibilitando a chegada a públicos mais diversificados e tornando-se, assim, mais inclusivo.

### **2.3. Estudo de públicos de museus nacionais**

Um *Estudo de Públicos de Museus Nacionais* (EPMN) foi promovido pela DGPC, que, como anteriormente referido, é a entidade responsável pelas políticas museológicas no nosso país. Teve em vista obter informações fidedignas e atualizadas sobre os públicos

dos museus, possibilitando, através dos novos conhecimentos adquiridos pelos dados do estudo, a criação de respostas e soluções para uma melhor relação entre os espaços museológicos e os seus visitantes. Foi publicado em 2019 – tendo o trabalho de campo sido realizado diariamente entre dezembro de 2014 e dezembro de 2015 – pelo CIES-IUL, que integra o ISCTE-IUL, com o apoio dos Mecenas Fundação Millennium bcp e ONI (empresa portuguesa que opera no setor das telecomunicações, mais concretamente, no mercado empresarial)<sup>14</sup>, contando com a participação de 14 museus tutelados pela DGPC.

Para a realização do estudo foram inquiridas pessoas com 15 ou mais anos, quer de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, que fossem visitar o museu, tendo o questionário sido realizado numa plataforma *online* após o final da visita por parte das pessoas inquiridas, resultando em 1142 questionários válidos (43% portugueses e 53% estrangeiros).

O EPMN designa-se como um estudo quantitativo, utilizando como instrumento principal o inquérito por questionário em computador – *web survey* ou *computer kiosk* – através da plataforma *LimeSurvey*. Funciona ainda como um estudo comparativo entre os museus participantes, dado que os instrumentos de recolha de informação e procedimentos são comuns a todos eles, permitindo a comparação rigorosa dos dados obtidos. Para a concretização do Estudo foi formado um pequeno grupo de trabalho para a organização do processo de inquérito (DGPC e CIES-IUL), e equipas constituídas por um número reduzido de funcionários em todos os museus com a tarefa de aplicar o estudo.

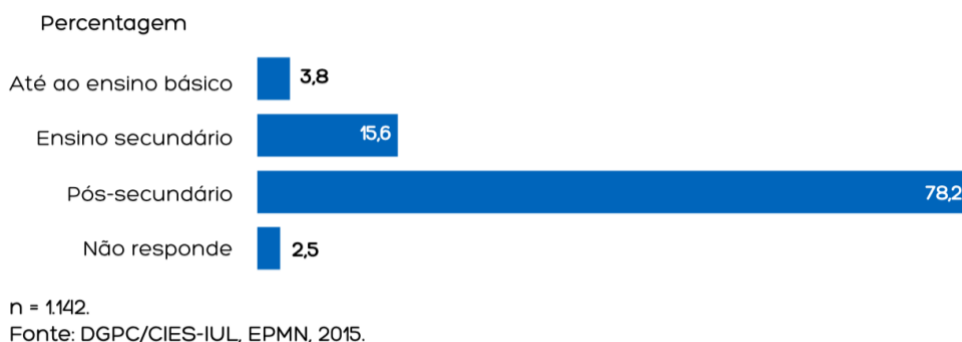
Com a realização do Estudo observou-se uma tendência para o público que frequenta o MNAC ter elevados níveis de escolaridade, com observável através do Gráfico 2<sup>15</sup>, sendo também bastante frequentado por grupos de jovens estudantes.

---

<sup>14</sup> *LinkedIn*. (2022). LinkedIn.com. <https://www.linkedin.com/company/oni/about/>

<sup>15</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In *Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural*.

Gráfico 2 Escolaridade do público visitante



Adicionalmente, a grande maioria do público é residente na Área Metropolitana de Lisboa ou nas suas redondezas, referindo a generalidade dos visitantes que a sua visita ao MNAC é pautada pelo interesse genérico no Museu e/ou pelo interesse particular por determinadas obras em exposição.

De modo a perceber as opiniões mais concretas dos visitantes do Museu foi pedido aos inquiridos que fizessem a sua avaliação relativa a um conjunto de aspetos relacionados com o espaço museológico, incluindo uma análise das expectativas iniciais quanto ao conteúdo exposto, e se recomendariam outras pessoas a visitar o Museu.

A secção das avaliações, que pretendiam que os inquiridos se posicionassem numa escala de satisfação, continha 28 itens relacionados com o próprio Museu, enquadradas em quatro grupos: acolhimento e satisfação geral; atividades; instalações; e informação.

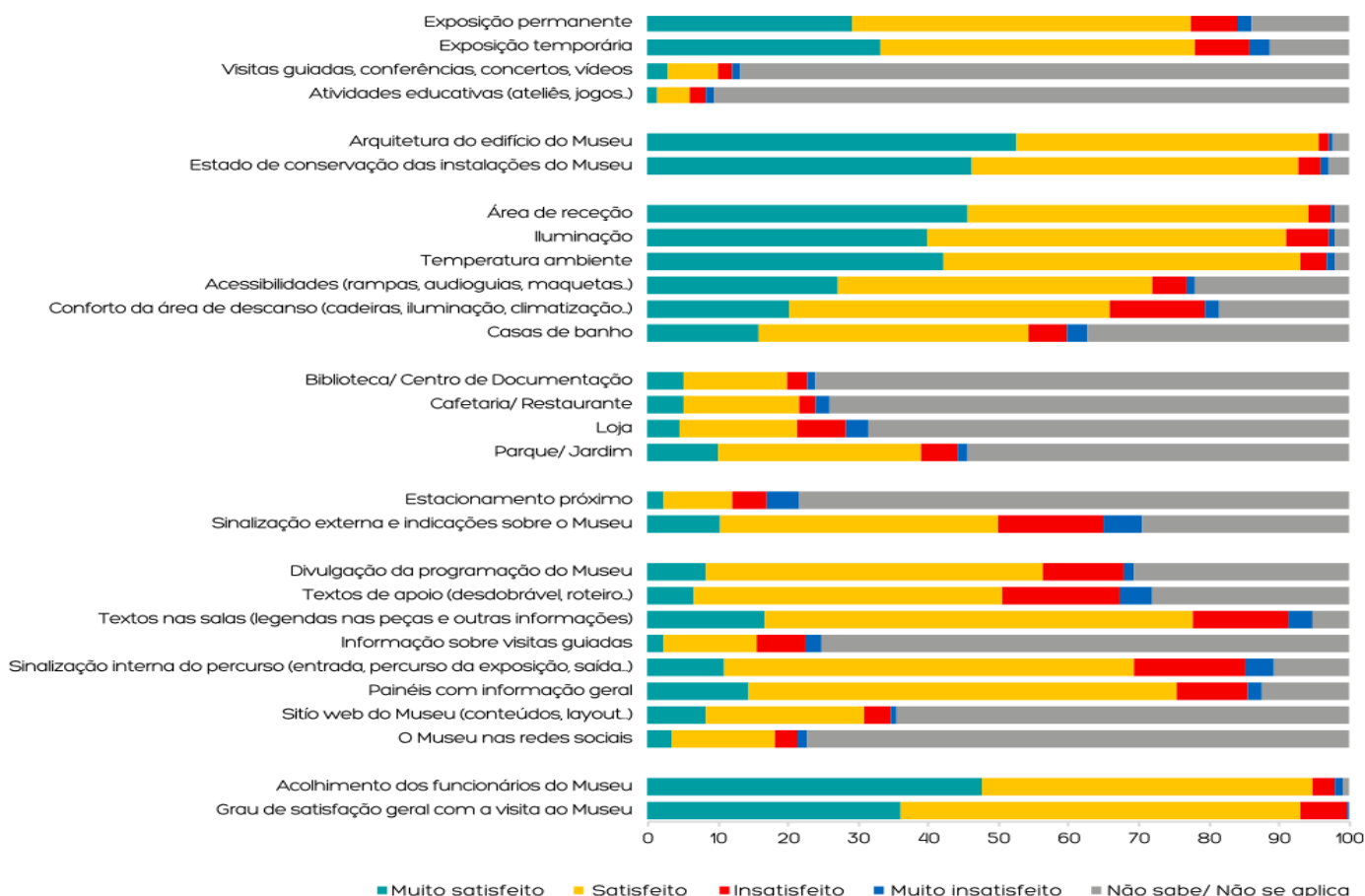
Enquanto as avaliações de carácter positivo se encontram em maioria (18 dos 28 itens), especialmente entre o público nacional, é de realçar que há setores categorizados como insatisfatórios e muito insatisfatórios de forma significativa, sendo exemplo disso a carência de sinalização interna do percurso museológico e a de textos de apoio, contando com 20% e 22% de respostas negativas, como observável pelo gráfico abaixo, retirado do relatório oficial do Estudo<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In *Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural*.

Percentagem

Gráfico 3 Avaliações MNAC

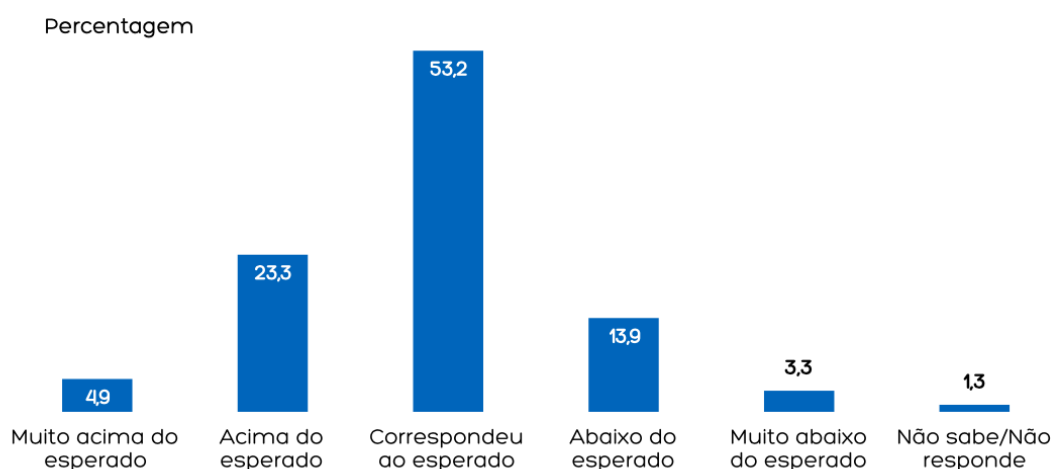


Destaco ainda que as áreas das atividades educativas, e visitas guiadas, conferências, concertos, vídeos apresentam uma percentagem de 85% de resposta “não sabe/não se aplica”, e os setores relativos à presença do MNAC nas redes sociais e informação sobre visitas guiadas apresentam percentagens acima dos 75% da mesma resposta, dados preocupantes sobre os quais o Museu deve trabalhar.

Relativamente à secção sobre a análise das expectativas iniciais, 53% dos inquiridos confirmaram as suas expectativas, com uma percentagem de 28% que se revelou surpreendido pelos conteúdos expostos, considerando-os superiores às suas expectativas iniciais, como observado pelo gráfico abaixo:<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In *Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural*.

Gráfico 4 Expectativas iniciais quanto aos conteúdos expositivos



n = 1.142.

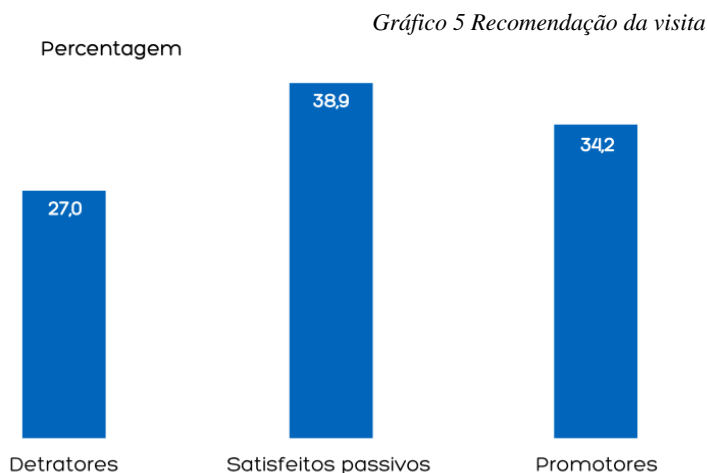
Fonte: DGPC/CIES-IUL, EPMN, 2015.

De forma mais específica, 46% dos visitantes estrangeiros afirma que as suas expectativas foram correspondidas, comparativamente ao público nacional com 62% da mesma resposta. É também constatável que o público português tem uma avaliação mais positiva das suas expectativas: enquanto apenas 8% e 1% responderam abaixo do esperado e muito abaixo do esperado, respetivamente, 19% e 5% do público estrangeiro situam-se nestas mesmas opiniões.

Em seguida, o estudo averiguou as probabilidades de os visitantes recomendarem a visita ao Museu a outras pessoas, com base numa escala de 0 a 10, em que o 0 significa “certamente não recomendaria” e o 10 “certamente recomendaria”, constatando-se uma média bastante elevada de 7,5, e ainda que a maioria do público (39%), embora satisfeito com a sua experiência, se demonstra imparcial quanto à sua recomendação, enquadrando-se no grupo “satisfeitos passivos”. Ainda assim, 34% dos visitantes assumem-se como “promotores” do Museu e tencionam recomendar a sua visita a familiares e amigos, enquanto 27% admitem não recomendar a visita, enquadrando-se no grupo “detratores”. As respostas encontram-se ilustradas pelo seguinte gráfico<sup>18</sup>:

<sup>18</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In *Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural*.





n = 1142.

Fonte: DGPC/CIES-IUL, EPMN, 2015.

Nota: *detratores* (respostas entre 0 e 6); *satisfeitos passivos* (entre 7 e 8); *promotores* (entre 9 e 10).

É, também, de importante referência que, comparativamente às respostas dos restantes Museus participantes no Estudo, os níveis de recomendação do MNAC são inferiores à média geral, representado mais um aspecto a ser analisado e trabalhado pelo Museu.

Para além disso, 46% dos portugueses inquiridos afirmam estarem dispostos a sugerir a visita o MNAC, ao passo que apenas 24% dos estrangeiros o fariam, revelando os dados que 37% dos estrangeiros se enquadram no grupo “detratores” contra 16% dos portugueses.<sup>19</sup>



n = portuguesa (533); outras (609).

Fonte: DGPC/CIES-IUL, EPMN, 2015.

Nota: *detratores* (respostas entre 0 e 6); *satisfeitos passivos* (entre 7 e 8); *promotores* (entre 9 e 10).

<sup>19</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural.

Numa última análise, averiguaram-se as intenções de regressar ao MNAC nos 12 meses seguintes, ao que 52% dos inquiridos respondeu negativamente e 48% assegura ter intenção de voltar a visitar o Museu, sendo lógico que, ao analisar por nacionalidades, existirá uma discrepância bastante evidente, devido à vasta maioria não ser residente em Portugal, sendo que 74% expressam querer regressar ao Museu apesar de apenas 26% dos estrangeiros apresentarem a mesma vontade.

No inquérito partilhado com os visitantes constavam 10 itens relativos aos motivos para regressar ao MNAC, tendo sido o motivo mais votado as “novas exposições”, com 90% das respostas, indo de acordo com os dados analisados quanto à satisfação geral com o Museu, em que 88% dos inquiridos se demonstrou satisfeito com as exposições temporárias (Neves et al., 2019). Embora as atividades para crianças sejam uma motivação para apenas 5% do público, 69% dos agregados familiares que responderam ao inquérito destacaram esta vontade.<sup>20</sup>

Gráfico 7 Motivos para regressar ao Museu



n = 552.

Fonte: DGPC/CIES-IUL, EPMN, 2015.

Nota: variável múltipla.

<sup>20</sup> Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural.

Em suma, o público do MNAC é constituído, na sua maioria, por visitantes estrangeiros, não obstante, independentemente da nacionalidade, ressalta o facto de ser um público bastante qualificado, quer escolar, quer profissionalmente, e com um grande hábito de práticas culturais. O público apresenta uma satisfação global para com o Museu, com destaque para os portugueses, que expressaram, mais recorrentemente, vontade de regressar ao espaço e de o recomendar a outras pessoas, ainda que se tenham tornado evidentes vertentes que carecem da atenção tanto da DGPC como do próprio MNAC, sendo elas, nomeadamente, a presença online do Museu, que precisa de ser mais visível e consistente, de modo a fornecer informação de qualidade sobre as diversas atividades promovidas pelo Museu aos potenciais visitantes, fator que, obviamente, iria favorecer a Instituição ao mesmo tempo que proporcionaria momentos lúdicos e pedagógicos aos interessados, e foi ainda destacado que o grosso dos inquiridos se encontra alheio a recomendar a visita ao MNAC, sendo este outro aspecto que merece atenção por parte das entidades responsáveis: analisar ao pormenor os fatores que levam as pessoas a não ter interesse na recomendação do Museu e melhorar estes mesmos aspetos de forma a atrair o novo público e a surpreender pela positiva quem já frequentava o Museu anteriormente, quer através de uma nova abordagem à construção das exposições, quer pela adição de textos explicativos, e materiais e métodos interativos, quer por novas formas de realizar as visitas orientadas – há muito espaço para a inovação dentro de um museu como o MNAC, facto que deve ser tido em conta pela sua tuteladora DGPC, uma vez que o Museu não é uma instituição com autonomia.

## **Capítulo 3 – Atividades de estágio**

Após ter contextualizado a instituição de acolhimento, o Museu Nacional de Arte Contemporânea, refiro, agora, o meu processo de integração no mesmo e descrevo as atividades em que participei e que tive a oportunidade de desenvolver ao longo do estágio.

### **3.1. Integração no Museu Nacional de Arte Contemporânea**

O meu percurso no MNAC iniciou em junho de 2020, aquando do primeiro contacto com a Diretora Emília Ferreira: uma chamada telefónica em que tivemos a oportunidade de nos conhecer brevemente e onde a mesma quis saber mais sobre o meu percurso académico e pessoal, ficando acordado que o meu estágio curricular seria, então, no Museu.

Em meados de Setembro tive a primeira reunião no MNAC, de modo a conhecer o espaço e a sua história, e a ter uma antevisão daquilo que viria a ser o meu trabalho. Na impossibilidade da presença da Diretora do Museu, foi a Dr<sup>a</sup> Isabel António quem teve a reunião comigo e quem me introduziu, também, aos restantes trabalhadores do Museu, de forma a integrar-me na equipa. Foi um momento crucial para mim, permitindo que me sentisse mais preparada para a nova etapa.

No início do mês de outubro foi, então, oficializado o Protocolo de Estágio, no qual ficou acordado que a Doutora Emília Ferreira seria a minha orientadora dentro do Museu, uma vez que, também ela, tinha bastante experiência na área do Serviço Educativo. Para além de mim, foi também integrada outra estagiária na área da Comunicação, tendo permanecido no Museu até dezembro.

O meu estágio no Museu Nacional de Arte Contemporânea visou o acompanhamento e apoio nas diferentes atividades que foram sendo realizadas ao longo do ano letivo pelo Serviço Educativo, tendo eu tido diferentes graus de envolvimento nas mesmas. Na

secção do relatório que se segue, tal será perceptível, e será possível perceber o trabalho que fiz ao longo dos meses e os papéis que desempenhei nos diferentes projetos promovidos pelo Museu.

### 3.2. Atividades

A tabela 1 sintetiza as atividades e sua calendarização e, seguidamente, passo à descrição detalhada das mesmas.

*Tabela 1 Atividades desenvolvidas durante o período de Estágio no MNAC*

#### Atividades Desenvolvidas durante o Período de Estágio no MNAC

Tarefas	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Investigação Obras									
Investigação Artistas									
Lançamentos Livros									
Assistir Visitas Orientadas									
Dinamizar Visitas Orientadas									
Oficina de Natal									
Oficina da Páscoa									
Planeamento de Atividades									
Preparação Guiões Visitas Orientadas									
Montagem Exposições									
Inauguração Exposições									
Reuniões Variadas									
Conferências									
Semana da Cor									
Ciclo Mulheres Ibero-Americanas									
Diferenças ou Semelhanças?									
Animais e os Seus Sentimentos									

## Oficinas Temáticas

Tabela 2 – Horário Oficina de Natal

Horas	21, 22, 23 dezembro
10:30 – 11:15	Atividade
11:15 – 11:45	Lanche da manhã
11:45 – 12:30	Atividade
12:30 – 14:30	Almoço
14:30 – 15:30	Atividade
15:30 – 16:00	Lanche da tarde
16:00 – 17:00	Atividade

**Oficina de Natal** – durante a primeira semana das férias de Natal das crianças, o MNAC desenvolveu a *Oficina de Natal – Ouro, Incenso e Mirra* que visava, para além de dar a conhecer o Museu e a sua coleção às crianças, inspirá-las criativamente, e desafiá-las a criarem arte com materiais que nunca tinham imaginado – o ouro, o incenso, e a mirra - materiais que, para além de pouco usuais, remetem para a época festiva, sendo símbolos do Natal. A Oficina contou com a coordenação da Doutora Hilda Frias e do artista residente Nelson Ferreira e com o meu auxílio, tendo estado presente ao longo da integridade dos dias.

A Oficina decorreu ao longo de 3 dias – 21, 22, e 23 de dezembro – acolhendo crianças, dos 5 aos 10 anos, durante o dia inteiro, incluindo hora de almoço, funcionando em regime ATL (Atividades de Tempos Livres). Inscreveram-se um total de 10 crianças, que pagaram uma quantia de 50€ pela atividade, e no terceiro dia, durante o período da tarde, juntaram-se mais 25 crianças pertencentes ao Centro de ATL da freguesia de Santa Maria Maior (freguesia onde se insere o MNAC), já tendo marcado, atempadamente, uma atividade no Museu. Importa, ainda, referir que a Oficina ia ter lugar no espaço do Serviço Educativo do Museu, que, por se encontrar fora de uso, é agora o atelier do artista residente Nelson Ferreira.

O esquema de atividades dos dias que se seguiam dividiam-se entre atividades preparadas pelo artista residente, com vista a capacitar as crianças de novas técnicas de desenho e estimular a sua criatividade, e atividades desenvolvidas pela Doutora Hilda Frias, com o meu auxílio, que visavam dar a conhecer o MNAC às crianças, remetendo sempre para as atividades práticas desenvolvidas pelo Pintor Nelson Ferreira. A tabela 2 ilustra de forma sumativa a organização dos três dias, que decorreram sempre de forma flexível.

No primeiro dia houve a receção e apresentação do grupo, fazendo jogos com as crianças para que se desinibissem e conhecessem os restantes colegas, ao longo do período da manhã. Durante a pausa do almoço era preciso aquecer a comida que cada um havia trazido de casa e auxiliar no que fosse necessário. Assim que acabassem de almoçar tinham liberdade para andar a brincar pelo Pátio, sendo que muitos preferiram ficar comigo a jogar jogos tradicionais, como o STOP ou o UNO.

Durante o período da tarde, fizeram atividades de desenho com o Pintor Nelson Ferreira, dando asas à criatividade e experimentando com diferentes materiais e técnicas, que o artista ia ensinando. Enquanto isso, eu e a Doutora Hilda Frias supervisionávamos as crianças, auxiliando sempre que pertinente e dando atenção às dúvidas que se impunham. No final do dia, falámos às crianças sobre o significado do ouro, incenso, e mirra, demonstrando-lhes o incenso a queimar e o seu cheiro intenso.

No dia seguinte, começámos com uma visita orientada à exposição *Olhares Modernos*, em vigor na altura, e pedimos que cada criança seleccionasse um quadro preferido e que o desenhasse como melhor conseguisse (CF apêndice 1), utilizando já alguns dos conselhos e técnicas ensinados no dia anterior, com o intuito de pintar os desenhos mais tarde. Seguiu-se a pausa para o almoço, que decorreu igual ao dia anterior. Durante a tarde decorreram atividades artísticas – desta vez, as crianças foram introduzidas a instrumentos de desenho completamente diferentes do comum, que permitem criar diversos tipos de desenho, utilizando técnicas inovadoras, estimulando a motricidade fina das crianças e a sua criatividade, tendo o artista residente indicado diferentes tipos de exercício para cada suporte técnico. O objetivo seria que cada suporte fosse partilhado entre todas as crianças, enquanto retratavam as esculturas presentes no pátio (CF apêndice 2) de modo que todas pudessem experimentar e escolher um favorito. Nesta atividade foi introduzido o elemento Ouro, sendo que um dos materiais à disposição das crianças era

uma lapiseira com mina de ouro, o que os deixou bastante entusiasmados. O dia finalizou com as crianças a continuarem os desenhos que haviam começado no dia anterior.

O terceiro e último dia foi um pouco diferente, devido ao tal grupo que se juntou a nós, no período da tarde, ainda que mantendo o mesmo formato. As crianças já tinham uma grande cumplicidade umas com as outras e tinham sempre um grande entusiasmo ao trabalhar em conjunto nas atividades, querendo sempre entreajudar-se. Durante o horário da manhã fizeram mais alguns desenhos e pinturas, dado que também haviam tintas e pincéis à disposição, que o artista residente Nelson Ferreira já havia ensinado a utilizar, e foi lhes feito o desafio de escolherem um par e o desenharem sem olhar para a folha – foi um exercício alvo de muita animação e gargalhadas perante as obras que iam sendo criadas. Posteriormente, o Pintor Nelson Ferreira deu dicas e técnicas para se fazer um retrato a sério – dado que o retrato é o formato mais presente na exposição *Olhares Modernos* era essencial dar ferramentas às crianças para que possam desenvolver os seus próprios retratos.

Durante a tarde juntou-se o grupo de 25 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 13 anos, acompanhados por 8 monitores, que nos ajudaram no decorrer das atividades e a manter a ordem, para que não houvesse quaisquer contingências. Começámos por uma explicação sobre a exposição *Olhares Modernos*, contextualizando-a na época em que as obras foram concebidas e explicando os vários movimentos artísticos que a formam. Após a introdução e a resposta a perguntas pedimos para que todos se espalhassem pela sala, sentando-se no chão, longe uns dos outros, e distribuímos canetas e lápis por todos. Seccionámos as crianças em dois grupos, para facilitar o processo, e demos início à primeira atividade cujo objetivo era que cada grupo escrevesse um poema conjunto. Para isso, cada criança escrevia uma pequena frase e dobrava a folha de modo que a sua frase ficasse escondida e o próximo não a conseguisse ler, e assim sucessivamente, até chegar à última criança – no fundo, o propósito do jogo é criar um poema às cegas, lendo em voz alta o resultado final, que, inevitavelmente, se revela bastante cómico, gerando um ambiente muito divertido e de partilha entre todos. Durante todo o decorrer da atividade foi importante que nós, Serviço Educativo e Monitores, estivéssemos atentos às necessidades específicas de cada criança, uma vez que muitos ainda não sabiam escrever, outros tinham necessidades educativas especiais, e outros, devido à timidez, tinham mais dificuldade em expressar-se.



O segundo jogo seguiu na mesma base do trabalho de grupo, mas desta vez em duplas – cada criança escolheu um par para a atividade, e depois disso distribuimos uma folha branca por par e canetas e lápis coloridos para todos. Desta vez o pretendido era que desenvolvessem um desenho em conjunto; para o efeito começa-se por dobrar a folha branca ao meio e seguidamente uma das crianças começa a fazer um pequeno desenho numa das faces da folha, trespassando ligeiramente para a outra, assim, a segunda criança poderá, através dos pequenos traços trespassados, fazer um desenho seu (sem ter acesso ao desenho do colega, ilustrado pelos apêndices 3-5). No final todas as duplas acabam surpreendidas pelos desenhos desenvolvidos, dado que acabam por ser bastante engraçados de tão diferentes e únicos que são.

No final desta atividade, o grupo do ATL abandonou o Museu, voltando a estar apenas as 10 crianças iniciais, que estiveram a finalizar alguns dos seus desenhos, e a pedir conselhos para os seus futuros projetos. De modo a finalizar a Oficina, explicou-se o que é e de onde vem a mirra, o elemento que faltava demonstrar, queimando alguns grãos da mesma para que pudessem sentir o cheiro, e, inclusivamente, todos levaram para casa uma amostra de óleo essencial de mirra, juntamente com todos os trabalhos que desenvolveram ao longo dos 3 dias.

A Oficina teve um sucesso evidente, sendo que todas a maioria das crianças ficou desejava de uma nova oportunidade de voltar ao Museu, nestes moldes, e, acima de tudo, foi notório os laços de amizade criados entre todos no decorrer dos dias, tendo as crianças pedido aos Encarregados de Educação para trocarem contactos com os restantes, de maneira que todos se pudessem reencontrar.

**Oficina da Páscoa** – a Oficina da Páscoa foi marcada pela aproximação da inauguração da exposição *A Outra Vida dos Animais*, e como tal, acabou por ser adaptada ao tema. A iniciativa da Oficina partiu da minha parte, tendo começado a planeá-la em meados de fevereiro, e a premissa partia do conceito “renascimento”, aludindo não só ao tema da Páscoa, como também às transformações na natureza motivadas pela chegada da primavera. Estructurei a ideia de forma concisa e apresentei-a à Diretora durante uma reunião em conjunto com a Doutora Hilda Frias e o artista residente Nelson Ferreira, que, tal como na Oficina de Natal, fariam parte da concretização das atividades. Após ter sido

aprovada realizei o convite formal (CF apêndice 6), para que fosse publicado nas redes sociais do museu, informando os pais dos moldes em que a atividade iria acontecer. Devido ao curto período de interrupção letiva na altura da Páscoa, verificou-se uma adesão muito menor comparativamente à Oficina de Natal, uma vez que muitas famílias optaram por ir de férias para outras cidades, junto das suas famílias. Assim, contámos com apenas três crianças que já se conheciam previamente, e que, inclusivamente, já tinham participado na atividade de Natal.

A Oficina funcionou, novamente, ao longo de três dias – 12, 13 e 14 de abril – que foram bastante proveitosos para todos: como já referido, a inauguração da nova exposição estava para breve, e, sendo uma exposição dirigida a crianças, surgiu a ideia de incluir estes três participantes na mesma, resultando em dias de muito entusiasmo e empenho, pois sentiam a responsabilidade de os seus trabalhos irem fazer parte de uma exposição oficial. A ideia seria fazer pegadas coloridas de humano e animais para integrar um dos corredores que conduz à exposição, com o intuito de formar uma corrente de ADN, em que humanos e animais se interligassem (CF apêndice 7) acabando esta por ser a atividade principal da Oficina, ocupando a maioria dos dias, consistindo em utilizar tintas, cartolinas, e uma saladeira para fazer “explosões de cor” (CF apêndices 8 e 9) absolutamente únicas. Dado ser uma técnica relativamente simples, as crianças sentem-se confortáveis nas suas capacidades e nos trabalhos que vão desenvolvendo, sendo, por isso mesmo, necessário monitorizar para que, por exemplo, não acabem por estragar tintas e materiais. Para além desta atividade tivemos visitas às várias exposições do museu, em que as crianças tiveram em contacto próximo com as obras, desenhando-as e adaptando-as ao seu conceito de arte, e jogos didáticos relativos ao conteúdo presente nas exposições, observável no apêndice 10.

No último dia, devido a serem poucas crianças (CF apêndice 11), convidámos os pais a participarem na criação das pegadas, possibilitando momentos de partilha entre pais e filhos, e o desenvolvimento de laços com as restantes famílias, culminando numa colaboração bastante benéfica e proveitosa. Embora tenha sido uma Oficina mais pequena, foi evidente o agrado das crianças e o entusiasmo pela nova forma de arte que haviam descoberto e pelo facto de poderem participar numa exposição do MNAC.

## **Atividades dinamizadas e visitas orientadas**

**Animais e os Seus Sentimentos** – a atividade intitulada “Animais e os Seus Sentimentos” surgiu no âmbito da exposição *A Outra Vida dos Animais*, curada pela Diretora do Museu, Emília Ferreira, tendo, a iniciativa, partido de mim e de uma colega que estagiou, no Serviço Educativo, durante um breve período de três semanas, no mês de maio. A exposição é dirigida especificamente ao público mais novo, com o objetivo de consciencializar para a importância da relação animais-humanos, através de uma narrativa construída a partir das fábulas de Esopo e La Fontaine, alertando, ainda, para questões ambientais, e para o facto de que, enquanto humanos, não somos uma espécie superior aos restantes animais, sendo a simbiose entre espécies absolutamente fundamental para que possamos viver em harmonia. Assim, a nossa ideia foi dar a conhecer, a crianças dos 6 aos 10 anos, algumas das fábulas que inspiraram o desenvolvimento da exposição, dando ênfase aos sentimentos dos animais, demonstrando como são seres sensíveis como nós humanos, embora manifestem esses sentimentos de maneiras diferentes das nossas.

Para concretizar esta atividade reunimos com a Doutora Emília Ferreira, de modo a expor as nossas ideias e obter *feedback* e conselhos. Posteriormente, eu e a minha colega Karol reunimos diversas vezes para preparar a atividade – fazendo o *press release* oficial, para que a atividade fosse publicitada, preparando os materiais necessários, definindo o tipo de discurso mais indicado e os assuntos a abordar, escolhendo as fábulas, entre outras questões mais burocráticas, como por exemplo ponderar quais atividades seriam mais exequíveis devido à falta de verbas do Museu (implicando que atividades que envolvam despesas monetárias sejam menos desejáveis). Sendo eu a estagiária mais experiente, incumbia-me desenvolver e executar a visita orientada à exposição, sendo por isso necessário selecionar as obras mais indicadas para atividade e criar o guião que me permitisse desenvolver a visita coerentemente.

A atividade decorreu ao longo de duas horas da manhã do feriado de Corpo de Deus, dia 16 de junho, e contou com a presença de 6 crianças, que se inscreveram previamente, de forma gratuita, num formulário criado para a ocasião, tendo idades entre os 6 e os 8 anos. Começámos por receber as crianças na receção do Museu, dialogando com os pais sobre

o funcionamento da atividade e esclarecendo quaisquer dúvidas que fossem surgindo. Como tínhamos guloseimas para as crianças foi também importante garantir que nenhuma tinha alergias.

Dirigimo-nos para a Galeria Millennium com o grupo e começamos por nos sentar no chão, numa das divisões da exposição, para podermos fazer as apresentações e ler as fábulas (CF apêndice 12) – era um grupo bastante interativo e nunca houve hesitações para responder quando interpelados por mim ou pela Karol; demonstraram-se também muito atentos às histórias que contámos, conseguindo sempre retirar a moral das fábulas e até completar com experiências pessoais.

Após a leitura interativa demos início à visita orientada (CF apêndice 13-15), que também suscitou muito interesse nas crianças, especialmente a parte da exposição que conta com animais embalsamados; mais uma vez, a interação foi sempre muito fácil com o grupo – havia sempre alguém com alguma dúvida ou comentário a fazer, o que possibilitou uma visita bastante rica e completa, e possibilitou, também, que os mais envergonhados se sentissem à vontade para participar. A visita acabou por durar mais tempo do que o suposto, devido a todo o interesse demonstrado, e por isso a parte final da atividade teve de ser abreviada – tínhamos preparado dois jogos: o Quem é Quem? com animais, e o Jogo da Memória do Reino Animal, que trabalha a imaginação, coordenação motora, e a memória das crianças, no entanto, vimo-nos obrigadas a realizar apenas o último jogo, pois já não tínhamos muito tempo. Para não importunarmos os restantes visitantes do Museu dirigimo-nos ao Jardim das Esculturas, onde fizemos várias rondas do Jogo da Memória, que deixou as crianças visivelmente empolgadas e divertidas. Por fim, fomos com as crianças até à receção, onde os pais já esperavam, e tirámos fotografias de grupo antes de nos despedirmos (CF apêndice 16). Esta foi a última atividade que realizei no MNAC.

No apêndice 17 encontram-se a sinopse e organização da atividade.

**Diferenças ou Semelhanças?** – “Diferenças ou Semelhanças?” foi um projeto que surgiu no âmbito da exposição *A Outra Vida dos Animais*, tendo sido idealizado por mim, em parceria com Vanessa Marques, uma jovem pós-graduada em Produção, com muita experiência na área do teatro. O projeto foi concebido enquanto um pequeno *workshop* de expressão corporal para crianças do 6-10 anos, com o intuito de sensibilizar os mais

novos para tudo aquilo que nos aproxima dos restantes animais – formas de agir, comunicar, e de demonstrar afetos.

O projeto foi aprovado em reunião de Serviço Educativo, com a presença da Diretora Emília Ferreira, curadora da exposição, e Ana Vasconcelos, curadora na Fundação Gulbenkian e colaboradora na execução de *A Outra Vida dos Animais*, e do artista residente Nelson Ferreira, integrando a agenda de verão do MNAC, comunicada à Agência Lusa. Após a reunião competi-me contactar com diferentes pessoas da área do teatro e apresentar-lhes a proposta do projeto, de modo a encontrar alguém competente e com disponibilidade para o realizar, tendo assim encontrado a atriz Vanessa Marques. Expus-lhe a ideia da atividade de iniciámos imediatamente o processo criativo do que poderíamos fazer nos *workshops*, tendo sido o foco inicial a produção de um pequeno documento onde constasse as informações principais do mesmo, de modo a formalizar a atividade: título, sinopse, materiais necessários, datas e horários, preço por inscrição, informações pessoais para efetuar o pagamento à monitora convidada, e um convite formal (CF apêndice 18 e 19) para ser divulgado nas redes sociais e *newsletter* do Museu. Além das trocas de mensagens, tivemos uma reunião presencial em que partilhámos ideias e objetivos e na qual estabelecemos concretamente aquilo que pretendíamos desenvolver no *workshop*: iniciar com uma visita orientada, feita por mim, e seguindo para atividades de expressão corporal, desenvolvidas pela Vanessa, na qual as crianças fossem guiadas a agir e comunicar como o seu animal preferido (presente na exposição), sendo este um exercício bastante recorrente nas práticas teatrais, que permite a criação de laços com os colegas e a desinibição do grupo, resultando numa atividade com bastante interação entre os participantes, que teriam de encontrar formas de comunicar e se fazer entender enquanto outro ser vivo.

Infelizmente, não existiram inscrições em nenhuma das datas afixadas – 5 e 19 de junho – impossibilitando a concretização do *workshop*.

**Visitas Orientadas** – para desenvolver visitas orientadas de qualidade e com conteúdo é necessário um conhecimento prévio, não só sobre a exposição em questão e as obras que nela se inserem, mas também sobre o contexto social e político da época em que foram criadas, bem como da vida dos seus autores. Para tal, precisei de estudar, bastante e continuamente, os catálogos da biblioteca do museu, tomando notas do mais importante

para cada visita, sendo que há a necessidade de adaptar o percurso e discurso consoante as faixas etárias dos grupos e o intuito das visitas. Outro complemento imensamente benéfico para a realização de boas visitas orientadas é assistir às visitas feitas pelos/as próprios/as curadores/as, que proporcionam sempre uma visão mais aprofundada da exposição e das suas obras, partilhando bastante conhecimento sobre a sua própria investigação e conhecimento – ao longo do estágio no MNAC tive a oportunidade de assistir a diversas destas visitas a várias exposições.

Numa primeira instância, ao longo do primeiro semestre, comecei por apenas assistir à realização das visitas, tirando apontamentos e ajudando a manter a ordem nos grupos, dado que, por vezes, cada grupo tinha mais de 30 alunos. Durante estes meses fui também percebendo a importante relação entre os professores e o próprio serviço educativo, sendo fundamental, não só, para que as visitas decorram sem percalços, mas também para que as visitas vão ao encontro das matérias lecionadas em sala de aula, sendo que, na maioria das vezes, os professores pedem aos alunos pequenos trabalhos e relatórios sobre a visita, tornando imprescindível o diálogo prévio sobre o objetivo concreto de cada escola ao realizar a visita de estudo.

De forma a introduzir-me à experiência de mediar uma visita, foi acordado que em janeiro eu e a Doutora Hilda Frias dinamizaríamos um percurso em conjunto, tendo eu tido liberdade para escolher as obras a que me queria dirigir e a forma como as queria abordar. Foi uma experiência bastante surpreendente para mim, visto que foi a primeira vez que me senti verdadeiramente confiante a falar em público, sentindo sempre o apoio da Doutora Hilda Frias, que aprofundava o meu discurso quando necessário. Percebi também a importância de interagir com os grupos, sendo um grande catalisador de atenção, e fazendo da visita uma conversa repleta de partilhas, em vez de uma mera exposição de conhecimentos.

Seguiram-se inúmeras outras visitas a que assisti e prestei auxílio, sendo que, ao longo do segundo semestre, participei mais ativamente nas visitas, uma vez que já tinha mais experiência. Importa, ainda, salientar que o segundo semestre coincidiu com o aliviar das medidas de restrições da COVID-19, o que resultou numa maior afluência de visitantes e em grupos mais numerosos. Assim, em conjunto com a Doutora Hilda Frias, foi decidido que íamos começar a dividir os grupos, indo metade comigo – geralmente, para a

exposição *Paisagens Povoadas e Eileen Gray*, em que a minha tarefa era fazer uma introdução, explicar o funcionamento das exposições, e orientar os alunos nas suas dúvidas e questões – e a outra metade com a Doutora Hilda Frias para a exposição principal *Maria Eugénia e Francisco Garcia. Uma Coleção*. onde seria feita uma visita orientada muito mais aprofundada. No final, os grupos trocavam de modo a terem todos a mesma experiência. Esta dinâmica de divisão dos grupos esteve em vigor até ao final do meu estágio, em junho, estando uma das visitas retratada no apêndice 20.

Após assistir e auxiliar em inúmeras visitas orientadas, é em abril que tenho a oportunidade de realizar a minha primeira visita orientada a solo. A visita foi feita a duas turmas de 42 alunos do 5º ano, acompanhada por 4 professores – devido ao número elevado de crianças, foi decidido, em conjunto com o artista residente, que os mesmos seriam divididos em dois grupos, alternando entre a visita orientada e uma atividade de artes plásticas dirigida pelo próprio Nelson Ferreira. As visitas orientadas decorreram na exposição *Maria Eugénia e Francisco Garcia. Uma Coleção*., e foram bastante dinâmicas, uma vez que eram grupos com bastantes conhecimentos sobre a arte portuguesa e os seus intervenientes, tornando a visita bastante enriquecedora para todos, devido às sucessivas dúvidas impostas, e aos comentários e discussões pertinentes que iam surgindo. Para além desta questão, os alunos tiveram ainda de realizar um esboço de um quadro à escolha, tarefa pedida pelos professores, salientando o carácter construtivo e proveitoso da visita. Nos apêndices 21 e 22 podem ser observadas fotografias que o vigilante da sala capturou durante as visitas.

Poucas semanas depois, surgiu outra oportunidade de visita, tendo sido esta, consideravelmente, mais pequena que a anterior, uma vez que o grupo era de apenas 8 alunos do 10º ano e uma professora. Não tendo sido definido nenhum objetivo concreto para a visita, por parte da professora, o meu discurso foi mais abrangente e generalizado, aludindo aos diferentes movimentos artísticos presentes na exposição e a temas presentes no currículo escolar do 10º ano. O decorrer destas duas visitas foi idêntico, uma vez que visitaram a mesma exposição: *Maria Eugénia e Francisco Garcia. Uma Coleção*. O que as distinguiu foi o nível de aprofundamento de algumas questões. Enquanto que na visita de abril era necessário um foco maior na análise de cada obra, e no aprofundar da vida dos artistas presentes, nesta era mais importante falar das características dos movimentos artísticos, tal como já referido, das diferenças entre si, e das formas como se relacionam.

Para além deste molde mais frequente de visitas orientadas, realizámos também visitas em que se pretendia ouvir os contributos dos alunos sobre os quadros que observavam. Para o efeito, era realizada uma introdução à exposição em questão e, seguidamente, pedíamos que cada aluno visitasse a sala com atenção e seleccionasse uma obra predileta e lhe tirasse uma fotografia. Posteriormente, retornavam ao sítio inicial, e eu e a Doutora Hilda Frias íamos, aleatoriamente, perguntando aos alunos quais as suas obras preferidas e o porquê de as terem escolhido – o resultado era uma imensidão de opiniões, visões, e interpretações a que, de outra forma, nunca teríamos acesso (visões essas que eram sempre completadas teórico quer meu, quer da Doutora Hilda Frias). Todas estas partilhas contribuem para o desenvolvimento crítico dos alunos, da sua capacidade de interpretação e argumentação, mas também do seu sentido estético e observador, ao mesmo tempo que partilham com os colegas os seus pontos de vista e contribuem também para a expansão das suas interpretações. Nestas visitas, os comentários de um profissional de Serviço Educativo tornam-se fundamentais para completar as partilhas dos alunos, aludindo sempre ao sentido e objetivo das exposições e ao contexto “oficial” das obras mencionadas.

Em apêndice (29-48) podem ser consultados os guiões que realizei para a concretização das visitas orientadas.

**Semana da Cor** – a Semana da Cor decorreu no âmbito do Dia Internacional da Cor, celebrado a 21 de Março. Como tal, foram realizadas, antecipadamente, reuniões entre a Diretora, Serviço Educativo e Artista Residente de forma a planificar toda a semana didática, tendo-se delineado que se iria criar uma parceria com a Junta de Santa Maria Maior para proporcionar aos seus residentes séniores entradas livres no Museu durante toda a semana. A maioria das atividades carecia de inscrição prévia e eram de carácter mais artístico, consistindo na decoração temporária do Jardim das Esculturas (apêndices 49 e 50), dinamizadas pelo artista Nelson Ferreira, assim, a minha tarefa foi, essencialmente, auxiliar na realização das visitas orientadas aos visitantes séniores que se haviam inscrito nas atividades.



## **Eventos**

**Conferências** – O MNAC apresenta-se como um espaço museológico multidisciplinar e polivalente, cumprindo o seu dever educativo não só através das visitas orientadas e atividades práticas, como também através de diversas conferências e palestras sobre temas variados, conversas sobre figuras incontornáveis da arte portuguesa, lançamentos de livros, concertos, entre outros. Durante o meu estágio, estes eventos decorreram, geralmente, após o horário de fecho oficial do Museu, ou seja, a partir das 18:00h, com durações variadas consoante os temas e o tipo de evento, e nestes o meu papel era realizar a reportagem fotográfica para as redes sociais do Museu. (CF apêndices 51 e 52)

**Inaugurações** – As inaugurações das exposições são dos eventos mais importantes para qualquer museu, constituindo uma oportunidade de cativar novos públicos a visitar o espaço museológico através das novas obras de arte expostas e do diálogo que as mesmas criam. São eventos algo formais, no entanto, de entrada livre a todos os que neles queiram participar, seguindo um alinhamento básico: discurso introdutório das entidades responsáveis pela exposição (artista/coleccionador, Diretor(a) do museu, curador(a), e mecenas); visita à exposição; cocktail final. Sendo o MNAC um museu caracterizado pelas exposições temporárias, foram várias as inaugurações em que tive a oportunidade de participar. Embora não tenha tido qualquer função a desempenhar nas mesmas, considero que tenham sido eventos essenciais na minha experiência, permitindo o contacto com diversos artistas e agentes do mundo museológico, e uma visão amplificada daquilo que é dar vida a uma exposição. Tive, ainda assim, a oportunidade de observar a montagem de diferentes exposições e auxiliar nas mesmas.

## **Diversos**

De modo a desenvolver as atividades do Serviço Educativo foram realizadas, ao longo do meu estágio, diversas reuniões entre SE e Direção com vista a planificar e calendarizar as mesmas, enquadrando-se nas celebrações correntes do ano e nas temáticas tratadas pelas diferentes exposições presentes no museu ao longo do ano letivo. Nestas reuniões era importante contribuir com as minhas ideias e opiniões tornando a concretização das atividades num trabalho de grupo e colaboração. Houve ainda uma reunião com uma

arquiteta da Renova em que me foi pedido para estar presente e colaborar com as minhas visões estéticas e opiniões, com vista a modificar certas zonas do Museu.

Durante o estágio tive também a chance de receber grupos de estudantes estrangeiros, encaminhando-os para o que seria a sua visita, fui contactada pela Agência Lusa de modo a conceder informações sobre a Semana da Cor, e ajudei com a distribuição e execução dos folhetos informativos presentes nas várias salas do museu.

## **Considerações finais e recomendações**

O presente relatório reflete os meses de estágio curricular no Museu Nacional de Arte Contemporânea, onde estive integrada na equipa de Serviço Educativo. Procura clarificar aspetos teórico-práticos do trabalho que desenvolvi, expondo as atividades praticadas pelo SE ao longo do ano letivo, e dando a conhecer a própria instituição, desde a sua história e acervo, ao histórico do Serviço Educativo e as conquistas que já alcançou.

Esta experiência permitiu-me desenvolver capacidades comunicativas, devido às inúmeras visitas orientadas realizadas, bem como o próprio sentido de autonomia, uma vez que a grande maioria das vezes (ao longo do segundo semestre) tinha liberdade para desenvolver os projetos e visitas de forma autónoma. Para além disso, tive a oportunidade de entender realmente a realidade dos museus e as suas dinâmicas e formas de funcionamento, tendo estado também em contacto com diversas entidades deste setor cultural, revelando-se um fator importante para o meu futuro, caso ingresse nesta área educativa.

Refletindo sobre o meu estágio, consigo perceber que o eu mais receava acabou por ser a parte de que mais desfrutei: as visitas orientadas. No início considerava que não tinha capacidades comunicativas suficientes para as dinamizar, uma vez que nunca me senti confortável ao falar para um público, no entanto, foi, para mim, surpreendente a facilidade com que abracei o desafio e desenvolvi as visitas, tendo recebido bastantes elogios e votos de confiança tanto por parte da Diretora do Museu, como da Coordenadora do Serviço Educativo. Embora mais esporádicas, as oficinas criativas e dias comemorativos também tiveram um destaque na minha experiência, sendo momentos bastante dinâmicos e em constante contacto com o público do museu, em especial o público mais jovem, permitindo desenvolver atividades e jogos com os mesmos, e perceber a forma interessada como encaram as obras de arte. Ter a perceção real de famílias que investem na educação artística e cultural das crianças foi um aspeto bastante marcante para mim,

tendo-se tornado evidente que há muitas pessoas que dão importância à literacia artística e que a querem transmitir às gerações mais novas.

Como referido ao longo deste documento, o ano letivo não decorreu conforme a normalidade devido à pandemia da COVID-19, tendo afetado, inevitavelmente, a qualidade do meu estágio, em especial durante o primeiro semestre, quando ainda havia limitações ao nível da distância de segurança, que impedia a realização de visitas orientadas e atividades como seria de costume. Apesar destas dificuldades iniciais, o segundo semestre demonstrou-se bastante ativo, com constantes visitas escolares e esforços para retornar à normalidade no museu, com diferentes tipos de atividades para os mais variados públicos.

Os meses passados no MNAC permitiram-me, também, ter perceção das lacunas que existem na instituição devido à sua grande dependência para com o Estado e a DGPC, não tendo o Museu verbas para investimento e aperfeiçoamento próprio. Neste tópico posso destacar diversos problemas técnicos (*website* do MNAC não funcional nos próprios computadores do Museu; linhas telefónicas internas e *e-mail* institucional incontactáveis por um período de duas semanas, impossibilitando a comunicação interna e as respostas a requisitos de visitas orientadas, por exemplo; o WiFi disponível apenas nos computadores da instituição dificulta e impossibilita determinadas tarefas e atividades); a partilha de computadores, que muitas vezes se revelava impraticável, dado que duas pessoas não conseguem estar a utilizar o mesmo computador em simultâneo, obrigando a que se tivessem de levar computadores pessoais (sem a possibilidade de conexão ao WiFi do Museu); a falta de recursos humanos e a impossibilidade de contratação de novo pessoal não permite o funcionamento eficiente do Museu, uma vez que uma só pessoa acarreta com mais do que um cargo, havendo mesmo dificuldades ao nível dos vigilantes e seguranças, que se revelam insuficientes para as dimensões do MNAC. Outra grande lacuna da instituição, consequência da falta de recursos humanos, é a falta de comunicação interna, e o planeamento e comunicação das atividades com pouco tempo de antecedência, prejudicando a adesão do público.

Posto isto, apesar de a maioria das questões mencionadas não estarem ao alcance do Museu para serem resolvidas, considero que é bastante necessário que haja um investimento no agendamento de todas as atividades a médio prazo, permitindo uma

maior qualidade do conteúdo e uma maior participação do público, que pode organizar, de antemão, as suas vidas pessoais de modo a conseguirem comparecer nas atividades. Considero ainda de grande importância que sejam desenvolvidas mais acessibilidades para pessoas com deficiências visuais, como por exemplo, o retorno das visitas de percurso tátil, e a presença de textos explicativos aumentados e em Braille nas exposições do Museu, sendo um fator determinativo para a inclusão de mais públicos,. Revela-se também de grande importância que se garanta que os aparelhos elevatórios para cadeiras de rodas estejam operacionais e que haja sempre alguém capacitado para os manusear quando necessário.

De modo a finalizar o meu relatório, deixo o meu profundo agradecimento para com toda a equipa do MNAC, que possibilitou o meu desenvolvimento pessoal e capacitou para os diversos desafios presentes no mercado de trabalho, permitindo que conhecesse facetas pessoais com as quais ainda não tinha tido contacto.

## Referências bibliográficas

- Amado Mendes, J. (2009). *Estudos do Património: museus e educação*. Imprensa Da Universidade De Coimbra. DOI: 978-989-26-0385-8
- Amador, M. do R. H. (2011). *Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel activo na formação das crianças* (pp. 6–18) [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]
- Anastácio, E. (2009). *O multimédia na educação museológica: uma experiência interactiva para o Museu Romântico* [Dissertação de Mestrado].  
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/59072/1/000137293.pdf>
- Barriga, S., & Gomes da Silva, S. *et al.* (2007). Serviços Educativos na Cultura. *Coleção Públicos, 2*. SETEPÉS. <https://pt.slideshare.net/JDLIMA/coleco-pblicos-servios-educativos>
- Brown, K. (2014). Educational and Other Public Programmes for Exhibitions. In B. Lord & G. D. Lord (Eds.), *The Manual of Museum Exhibitions*. Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- Cortes, A. M. (2006). Museu Nacional de Arte Antiga – Itinerário para uma viagem. *Turismo e Desenvolvimento, 5*, 180–182. Universidade de Aveiro.  
<https://proa.ua.pt/index.php/rtd/issue/view/447>
- Despacho n. °6147/2019, de 4 de julho (2019) Diário da República n.° 126/2019, Série II de 2019-07-04, páginas 18990 - 18992
- Escolas e grupos escolares*. (2022, January 11). Gulbenkian Descobrir.  
<https://gulbenkian.pt/descobrir/escolas-e-grupos-escolares/>
- Ezequiel, C. S. M. (2015). *O serviço Educativo como mediador entre a Colecção António Cachola e os públicos - Programa “Uma obra para todos”* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Leiria].  
<http://hdl.handle.net/10400.8/1636> .

- Fernandes, R. F. da S. S. (2020). *A Origem e o Papel dos Serviços Educativos dos Museus da Ram - Uma abordagem* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira]. *DigitUMa*. <http://hdl.handle.net/10400.13/3115>.
- Gonçalves R. M., Fróis J. P., & Marques, E. (2011). *Primeiro olhar: programa integrado de artes visuais: caderno do professor*. Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço De Educação E Bolsas.
- Lei n.o 47/2004 de 19 de agosto, (2004). *Lei Quadro dos Museus Portugueses*. Diário da República, nº195/2004. Série.I-A
- LinkedIn*. (2022). *LinkedIn.com*. <https://www.linkedin.com/company/oni/about/>
- Lusa. (2021, March 24). *Covid-19: Museus portugueses perderam 70% a 80% dos visitantes*. PÚBLICO; Público. <https://www.publico.pt/2021/03/24/culturaipsilon/noticia/covid19-museus-portugueses-perderam-70-80-visitantes-1955792>
- Lusa. (2018, October 27). Entrevista: Diretora do Museu do Chiado defende autonomia que inclua número fiscal. *Diário De Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/entrevista-diretora-do-museu-do-chiado-defende-autonomia-que-inclua-numero-fiscal--10095251.html>
- Machado, A. C. (2020, April 23). *A indústria da cultura e o impacto do Covid-19*. Gqportugal.pt. <https://www.gqportugal.pt/impacto-coronavirus-na-cultura>
- Massarani, L. M., Rodari, P., & Merzagora, M. (2007). *Diálogos & Ciência : mediação em museus e centros de ciência*. Casa De Oswaldo Cruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44591>
- Mediação Artística e Cultural | Escola Superior de Educação de Lisboa*. (2019). Eselx.ipl.pt. <https://www.eselx.ipl.pt/curso/licenciatura/mediacao-artistica-e-cultural>
- Mineiro, C., Garcia, A., & Neves, J. (2017). *Comunicação Acessível e Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus* (Vol. 5). Direção Geral do Património Cultural

(DGPC) e Turismo de Portugal (TP).

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/acessibilidade/publicacoes/>

Mineiro, C., Mendes, E., & Colwell, P. (2014). *Temas de Museologia. Museus e Acessibilidade* (Vol. 2). Instituto Português de Museus.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/acessibilidade/publicacoes/>

Moscardo, G. (1996). Mindful visitors. *Annals of Tourism Research*, 23(2), 376–397.

[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(95\)00068-2](https://doi.org/10.1016/0160-7383(95)00068-2)

Neves, J. S., Santos, J. A. dos, & Lima, M. J. (2013). *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*. Direção-Geral do Património Cultural. <http://hdl.handle.net/10071/11915>

Neves, J. S., Foà, C., Santos, J., Lima, M. J., & Pereira, I. (2019). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. In *Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural*.

[http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication\\_pdfs/MNAC\\_MC\\_REPORT\\_092019.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication_pdfs/MNAC_MC_REPORT_092019.pdf)

Oliveira, M. M. G. T. (2008). *As Visitas de Estudo e o ensino e a aprendizagem das Ciências Físico-Químicas: um estudo sobre concepções e práticas de professores e alunos* [Dissertação de Mestrado].

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8326/1/Disserta%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Manuela%2520Teixeira.pdf>

patrimonio.pt. (5 Fevereiro, 2018). *Afinal para que servem os Serviços Educativos?*

Patrimonio-Pt; patrimonio-pt. <https://www.patrimonio.pt/post/2018/02/05/afinal-para-que-servem-os-servi%C3%A7os-educativos>

Regulamento do Estágio Curricular do Ciclo de Estudos que confere o grau de Mestre em Ciências da Educação da FPCEUC.

[https://www.uc.pt/regulamentos/ga/fpceuc/documentos\\_vigentes/normas\\_reguladoras\\_estagio\\_seminario\\_mestrado\\_ciencias\\_educacao\\_via\\_profissionalizante.pdf](https://www.uc.pt/regulamentos/ga/fpceuc/documentos_vigentes/normas_reguladoras_estagio_seminario_mestrado_ciencias_educacao_via_profissionalizante.pdf)

Tilden, F. (1977). *Interpreting our heritage* (3ª ed.) University Of North Carolina Press.

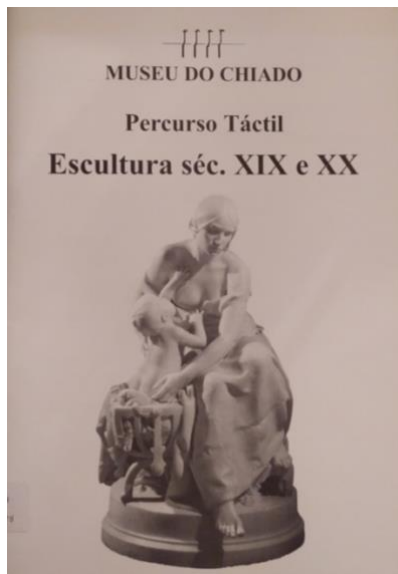
[https://www.academia.edu/35320187/TILDEN\\_F\\_Interpreting\\_Our\\_Heritage\\_Chapel\\_Hill\\_Books\\_pdf](https://www.academia.edu/35320187/TILDEN_F_Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Books_pdf)



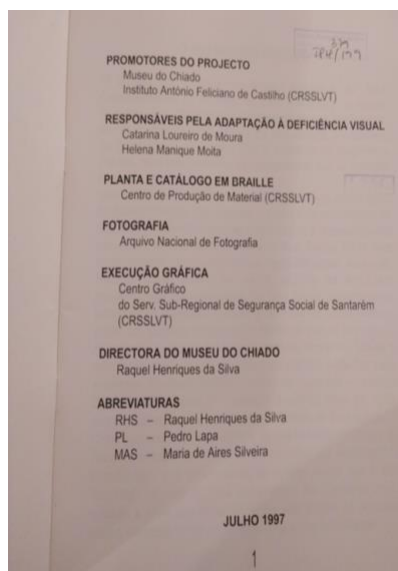
## **Anexos**

Nesta primeira parte do documento estão presentes anexos que pertencem tanto à biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) e a exposições do mesmo. Assim, os anexos 1 a 6 são fotografias de dois livros de percurso tátil para a exposição permanente do Museu – as esculturas – sendo um deles direcionado a pessoas invisuais, estando escrito em braille, e o outro para pessoas com visibilidade reduzida, onde o tamanho das letras e das figuras é exacerbado, comparativamente àquilo que consideramos normal. Estes livros eram utilizados aquando o requisito de visitas orientadas para pessoas com alguma destas condições, sendo um suporte pedagógico para as mesmas. Infelizmente, há mais de 20 anos que esta modalidade de visita já não se encontra disponível, e, por isso, os livros encontram-se bastante desatualizados, no mesmo contexto, os anexos 7 a 9 foram retirados da coleção Temas de Museologia, publicada pelo Instituto Português de Museus, ilustrando formas de tornar os acervos dos museus mais acessíveis às necessidades dos diferentes tipos de públicos.

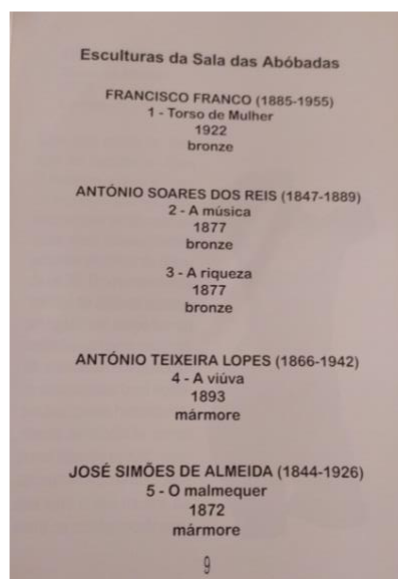
Os anexos 10 a 12 são referentes à exposição *A Outra Vida dos Animais*, sendo o primeiro o meu catálogo pessoal da mesma, o anexo 11 a ficha técnica da exposição, constando todos os contribuíram para a sua concretização, com o detalhe do meu nome na secção da Educação, visível no anexo 12. Por último, no 13º anexo encontra-se uma captura de ecrã da aplicação *Zoom Guide*, um suporte à exposição que permite que os visitantes, ao apontarem a câmara do telemóvel para qualquer uma das obras exibidas obtenham informações sobre as mesmas, tanto em formato de texto como áudio, tornando as visitas muito mais enriquecedoras.



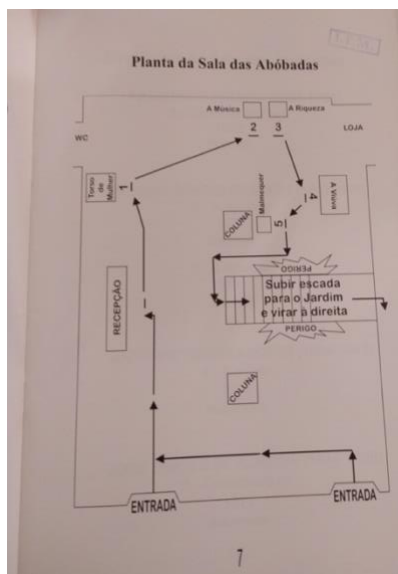
Anexo 1 Percurso Táctil Escultura séc. XIX e XX



Anexo 2 Ficha técnica Percurso Táctil



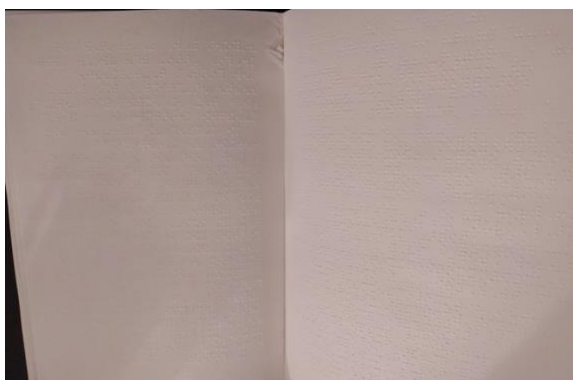
Anexo 3 Esculturas Sala das Abóbas



Anexo 4 Planta Sala das Abóbas (visibilidade reduzida)



Anexo 5 Planta Sala das Abóbas (invisuais)



Anexo 6 Texto em braille

**Nível 1**

**HISTÓRIA DO CHAPELEIRO ANTÓNIO JOAQUIM CARNEIRO**  
 Lisboa, Real Fábrica da Louça  
 1790-1800  
 Faiança policroma  
 Prov. Quinta do Chapeleiro, Póvoa de Santo Adrião  
 MNA inv. N.º 227 a, b, c, d, e, f, g

Este conjunto de painéis é a narrativa da vida do chapeleiro António Joaquim Carneiro e constitui um registo imediato de personagens e realidades coevas, sem mediação de qualquer fonte iconográfica gravada. As diferentes cenas inscrevem-se num medalhão oval limitado por um friso de flores e com uma faixa com a indicação do episódio, destacando-se de um fundo branco com uma composição de ramos e pássaros com dois cestos de flores colocados lateralmente.

Nos sete painéis conta-se a história de um rapaz pobre do campo que foi para a loja do seu tio em Lisboa, onde aprendeu o ofício de chapeleiro, depois se estabeleceu nesta cidade com o seu negócio, casou com uma viúva com cinco filhos e construiu a sua fábrica e residência.

Encomenda do protagonista da história e provenientes da sua própria casa, estes painéis documentam uma novidade no elenco iconográfico da azulejaria portuguesa, relato agora imediato de factos recentes, neste caso, a consagração de uma narrativa de ascensão económica e social de um camponês que se transforma em burguês rico, elemento da classe emergente cuja ideologia será dominante no século XIX.

O painel que vemos na figura tem uma base com barra esponjada. A oval no centro é limitada por grinalda rematada por filacteria com as extremidades enroladas. Inferiormente, e em simetria a ornato concheado, arrancam duas folhas alongadas de acanto, a que se liga uma recta quebrada que nos cantos se eleva suportando cestos cônicos com flores, na base dos quais se cruzam dois ramos que, unidos superiormente por um laço se fecham em reserva oval. A linha vertical de suporte é animada por ramos de campânulas e, mais acima, folhas de acanto, sempre em simetria. Grinaldas presas em três pontos de cada uma das folhas de acanto da base são seguras lateralmente no bico de pássaros em voo, pendendo em festão. Finas ramagens preenchem o espaço superior dos painéis.

Na reserva oval inscreve-se em primeiro plano a fachada de uma loja, com duas portas de cantaria recta, a da esquerda mais larga, envolvidas por chapéus pintados vendo-se superiormente as secções inferiores das janelas de sacada, com balaustradas. Dois bancos ocupam as paredes laterais da loja, encostando ao balcão onde pousam chapéus empilhados, vendo-se ao fundo prateleiras com mais chapéus. Sentado no banco da esquerda está um homem (o protagonista) erguendo a cabeça e o braço esquerdo para cima, em direcção a uma varanda interior, com grade aberta formando losangos e onde são visíveis, na parte esquerda, três figuras femininas, sentadas, uma das quais apoiada no parapeito e apontando para baixo, e na direita, dois homens também sentados.

Anexo 7 Exemplo texto informativo nível 1

**Nível 2**

**HISTÓRIA DO CHAPELEIRO ANTÓNIO JOAQUIM CARNEIRO**  
 Feito em Lisboa, na Real Fábrica da Louça  
 1790-1800  
 Faiança policroma  
 Proveniente da Quinta do Chapeleiro, na Póvoa de Santo Adrião  
 Museu Nacional do Azulejo, N.º de Inventário 227 a, b, c, d, e, f, g

Este conjunto de painéis é a história da vida do chapeleiro António Joaquim Carneiro e constitui um registo imediato de personagens e realidades da época. O centro dos painéis, onde se passa a cena da história, é emoldurado por um friso de flores oval, decorado, sempre em simetria, com pássaros e cestos de flores.

Os sete painéis contam a história de um rapaz pobre do campo que foi para a loja do seu tio em Lisboa onde aprendeu o ofício de chapeleiro. Depois estabeleceu-se nesta cidade com o seu negócio, casou com uma viúva com cinco filhos e construiu a sua fábrica e residência.

Os painéis são uma encomenda feita pelo próprio chapeleiro e provêm da sua casa. É uma novidade na azulejaria portuguesa da época retratar cenas da vida quotidiana, neste caso a ascensão económica e social de um camponês que se transformou em burguês rico, elemento de uma classe social que será importante no século XIX.

Aqui vemos a fachada da sua loja, com duas portas envolvidas por cantarias decoradas com chapéus pintados. O chapeleiro está sentado num dos dois bancos encostados às paredes laterais da loja, apoiado no balcão onde pousam chapéus empilhados, vendo-se ao fundo prateleiras com mais chapéus. Ergue a cabeça e o braço esquerdo para cima, em direcção a uma varanda interior, onde vemos a sua mãe e as suas irmãs e irmãos.

**Nível 3**

**HISTÓRIA DO CHAPELEIRO ANTÓNIO JOAQUIM CARNEIRO**  
 Feito em Lisboa, na Real Fábrica da Louça, entre 1790 e 1800  
 Faiança pintada com várias cores  
 Veio da Quinta do Chapeleiro, na Póvoa de Santo Adrião  
 Pertence ao Museu Nacional do Azulejo  
 N.º de Inventário 227 a, b, c, d, e, f, g

Estes azulejos contam a vida de António Joaquim Carneiro. Ele era um chapeleiro, fabricava e vendia chapéus.

Os sete painéis contam a história de um rapaz pobre do campo que foi para Lisboa. Na loja do seu tio aprendeu a fabricar chapéus. Depois abriu a sua loja, casou com uma viúva com cinco filhos e construiu a sua fábrica e a sua casa.

Ele mandou fazer estes azulejos para pôr na parede da sua casa. Contam como ele era um rapaz pobre do campo e depois ficou um homem rico.

Aqui vemos a sua loja. À volta das portas há chapéus pintados na parede. O chapeleiro está sentado num banco logo à entrada. Está a apontar para cima, onde vemos a sua mãe, irmãs e irmãos sentados numa varanda no interior da loja.

Anexo 8 Exemplo texto informativo nível 2 e 3



Fig. 34 - Martírio de S. Sebastião, Gregório Lopes, 1536-39. Museu Nacional de Arte Antiga, inv. n.º 80 Pint

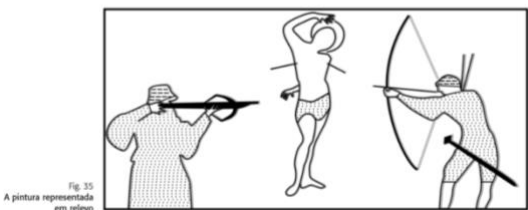
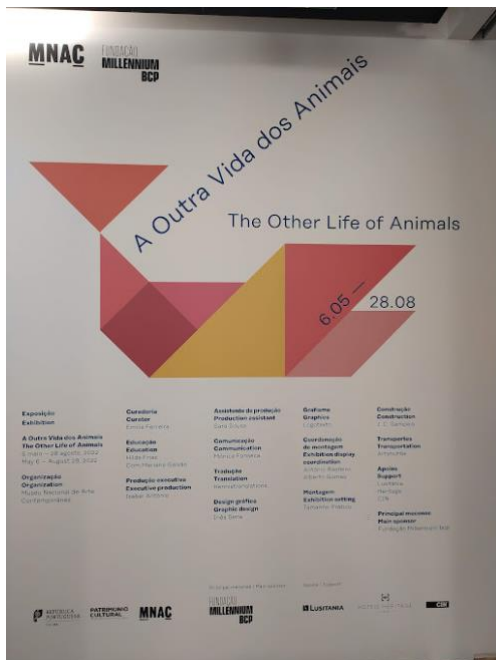


Fig. 35  
A pintura representada  
em relevo

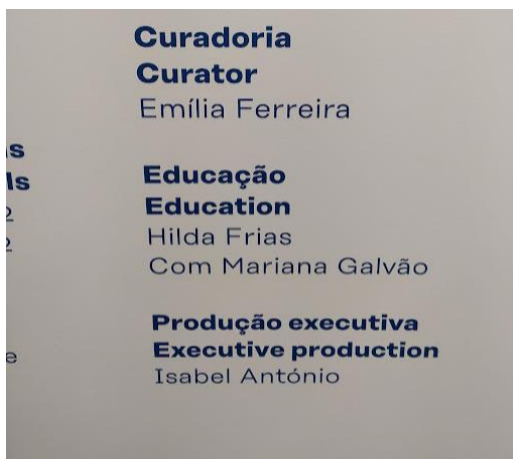
Anexo 9 Exemplo pintura e respetiva representação em relevo



Anexo 10 Catálogo pessoal A Outra Vida dos Animais



Anexo 11 Ficha técnica A Outra Vida dos Animais



Anexo 12 Detalhe ficha técnica A Outra Vida dos Animais



Anexo 13 Captura de ecrã aplicativo Zoom Guide

## Apêndices

Por último, apresento a lista de apêndices que fui recolhendo ao longo do período de estágio do MNAC. Do apêndice 1 ao 11 podemos observar algumas das atividades desenvolvidas na Oficina de Natal e da Páscoa (sendo o apêndice 6 o convite formal que realizei para enviar aos encarregados de educação). Os apêndices 12 ao 23 ilustram a atividade *Animais e os Seus Sentimentos*, realizada no início do mês de junho por mim e pela Karol Gaitan, que estagiou no MNAC ao longo do mês de maio, contendo retratos da visita orientada, o documento onde planificámos a atividade, e o livro de fábulas que produzimos. Os apêndices 24 e 25 são referentes à atividade *Diferenças ou Semelhanças*, que se iria realizar, também, durante o mês de junho, no entanto, devido a falta de inscrições acabou por não ser concretizada.

Os apêndices 26 a 48 são referentes às visitas orientadas que desenvolvi ao longo dos meses de estágio, constando fotografias das mesmas e os guiões que criei como forma organização e planificação dos percursos, onde é possível observar as obras mencionadas. Os restantes concernem a as atividades da Semana da Cor (49 e 50) e algumas das conferências de que fiz a reportagem fotográfica (51 e 52).



*Apêndice 1 Atividade retrato do quadro preferido*



*Apêndice 2 Atividade retrato estátuas*



*Apêndice 3 Desenho em conjunto*

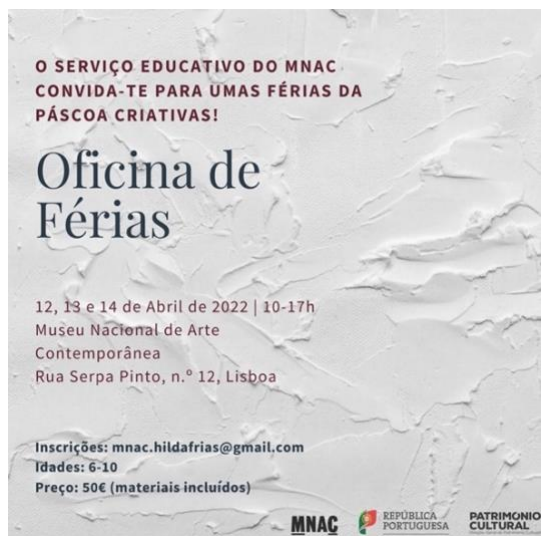




Apêndice 4 Desenho em conjunto



Apêndice 5 Resultado final desenhos em conjunto



Apêndice 6 Convite Oficina da Páscoa



Apêndice 7 ADN de pegadas



Apêndice 8 Materiais para explosões de cor



*Apêndice 9 Explosões de cor*



*Apêndice 10 Atividade de desenho*



*Apêndice 11 Participantes Oficina da Páscoa*



*Apêndice 12 Leitura de Fábulas*



*Apêndice 13 Visita Orientada A Outra Vida dos Animais*



*Apêndice 14 Visita Orientada A Outra Vida dos Animais*



*Apêndice 15 Visita Orientada A Outra Vida dos Animais*



*Apêndice 16 Fotografia de grupo com os participantes*

### Animais e os Seus Sentimentos

Sinopse:

O Serviço Educativo do MNAC irá desenvolver um projeto didático para crianças, nos feriados 10 e 16 de junho, no período da manhã, no âmbito da exposição *A Outra Vida dos Animais*. O objetivo é inspirar as crianças a valorizarem as interações entre animais e humanos, por intermédio da arte e atividades interativas, proporcionando uma experiência agradável aos mais novos.

A atividade a realizar vai constar de três partes: a primeira dirigida à consciencialização dos animais como seres vivos sensíveis, tal como nós, humanos. A segunda parte foca na descoberta dos animais e das suas vivências através da visita à exposição. No fim da sessão será realizado um jogo de memória, que implica movimento corporal, e o jogo Quem é Quem, de modo a concluir a nossa atividade, permitindo que as crianças se divirtam ao mesmo tempo que consolidam a experiência e conhecimentos adquiridos.

Datas:

10 sexta feira e 16 quinta feira de junho das 10:30-11:30 (feriados)

Idades e nº de participantes: 15 a 20 participantes, dos 6 aos 10 anos.

Atividades e duração estimada:

- Organização das crianças - 10min
- Leitura interativa de uma fábula - 20min
- Visita orientada à exposição - 20min
- Jogo de memória para os mais velhos (realizado no pátio) / Quem é Quem (para os mais novos) - 15 min

Materiais necessários: cartas para o Quem é Quem impressas e plastificadas

Fábulas:

- O Cão e o Burro
- A Raposa e o Corvo
- O Lobo e o Cão
- O Velho Cão de Caça
- O Galo e a Raposa

### Apêndice 17 Sinopse e organização Animais e os Seus Sentimentos



### Apêndice 18 Capa material de apoio Fábulas Fantásticas

## A raposa e o corvo

### É necessário ter cuidado com quem muito nos elogia

Um Corvo roubou um queijo e com ele fugiu para o alto de uma árvore. Uma Raposa, ao vê-lo, desejou tomar posse do queijo para comer. Colocou-se ao pé da árvore e começou a louvar a beleza e a graça do Corvo, dizendo:

- Com certeza és formoso, gentil e nenhum pássaro poderá ser comparado a ti desde que tu cantes.

O Corvo, querendo mostrar-se, abriu o bico para tentar cantar, fazendo o queijo cair. A Raposa abocanhou o petisco e saiu correndo, ficando o Corvo, além de faminto, ciente de sua ignorância.

**Moral da história:** Cuidado com quem muito elogia.

## Apêndice 19 Fábula a Raposa e o Corvo

### O cão e o burro

Numa quinta onde viviam muitos animais - patos, porcos, galinhas, e havia também um burro e um cão. Todos eles ficavam à espera da hora em que o dono voltava do trabalho. No entanto, quando ele chegava, só o cão corria para lhe dar as boas vindas e lhe fazer uma grande festa. O dono passava a mão na cabeça do seu fiel amigo. Mas o burro via a cena e pensava com tristeza:

- O meu dono não me liga! Só faz festas ao cão.

Um dia, decidiu que também queria receber mimos e ficou à espera do dono para o receber com festas.

Assim, quando o homem chegou, o burro relinchou festivamente e, para imitar o cão, ergueu as patas. O que aconteceu foi um desastre: desajeitado, o burro acabou por derrubar o dono no chão. O homem, surpreso, deu ordens para que o burro fosse amarrado na cerca. E ficou a pensar:

- Afinal, o que é que se passa com este animal? Ficou louco? Pensa que é um cão?

No dia seguinte precisou do burro para levar cestos de verdura à feira. Nessa altura, passou a mão carinhosamente na cabeça do burro para o consolar e disse-lhe:

- Meu amigo, um burro é um burro e um cão é um cão. Um serve para carregar, o outro, para vigiar. E isso ninguém vai mudar.

**Moral da história:** Cada um é como é. Não devemos tentar ser uma coisa que não somos.

## Apêndice 20 Fábula o Cão e o Burro

### O lobo e o cão

Certo dia, um Lobo só pele e osso encontrou um cão gordo, forte e com o pelo muito lustroso. Via-se bem que não passava fome. O Lobo, admirado, quis saber onde é que ele conseguia obter tanta comida.

- Se me seguires, ficarás tão forte como eu - respondeu o cão. - O homem dar-te-á restos saborosos.

- Mas o que preciso de fazer em troca? - quis saber o Lobo.

- Muito pouco, na verdade - respondeu o Cão. - Uivar aos intrusos, agradar ao dono e elogiar os seus amigos. Só por isto receberás carne e outras iguarias muito bem cozinhadas. De vez em quando, receberás também festas no dorso.

O Lobo ficou encantado com a ideia e meteram-se ambos ao caminho. A dada altura, o Lobo reparou que o cão tinha o pescoço esfolado.

- O que tens no pescoço? - perguntou.

- Nada de grave. É da coleira com que me prendem - explicou o Cão.

- Preso? Então não podes correr quando queres? - exclamou o Lobo. - Esse é um preço demasiado elevado: não troco a minha liberdade por toda a comida do mundo.

Dito isto, desatou a correr o mais depressa que pode para bem longe dali.

**Moral da história:** A tua liberdade não tem preço

## Apêndice 21 Fábula O Lobo e o Cão

### O galo e a raposa

**o mundo está cheio de "segundas" intenções por isso devemos ter cuidado com as amizades repentinas.**

Empoleirado num alto galho de árvore, o galo estava de sentinela, vigiando o campo para ver se não havia perigo para as galinhas e os pintainhos que andavam à procura de minhocas. A raposa, que passava por ali, imaginou o maravilhoso almoço que teria se comesse um deles. Quando viu o galo de vigia, a raposa logo inventou uma história para enganá-lo.

— Amigo galo, pode ficar sossegado. Não precisa de cantar para avisar as galinhas e os pintainhos que estou a chegar. Eu vim em paz.

O galo, desconfiado, perguntou:

— O que aconteceu? As raposas sempre foram nossas inimigas. Os nossos amigos são os patos, os coelhos e os cães. O que vem a ser isto?

Mas a espertalhona continuou:

— Caro amigo, esse tempo já passou! Todos os animais fizeram as pazes e estão a conviver em harmonia. Não somos mais inimigos. Para provar o que digo, desce daí para que eu te possa dar um grande abraço!

O que a raposa queria, na verdade, era impedir que o galo voasse para longe. Se ele descesse até onde ela estava, seria fácil apanhá-lo. Mas o galo não era tolo e estava desconfiado das intenções da raposa. Então, perguntou:

— Tens a certeza de que os bichos são todos amigos agora? Isso quer dizer que não tens mais medo dos cães de caça?

— Claro que não! - confirmou a raposa.

Então o galo disse: *ts* — Ainda bem! Porque, daqui de cima estou a ver que vem aí uma matilha. Mas, não há perigo, pois não?

— O quê?! - gritou a raposa, apavorada.

— São os teus amigos! Não precisas de fugir, cara raposa.

Mas a raposa, tremendo de medo, fugiu, disparada, antes que os cães chegassem.

**Moral da história:** Não acredites em amizades repentinas. Muitas vezes, quem quer enganar acaba a ser enganado.

#### Apêndice 22 Fábula o Galo e a Raposa



#### Apêndice 23 Contracapa material de apoio Fábulas Fantásticas



**Título:** *Diferenças ou Semelhanças?*

**Sinópsse:**

Animais e humanos: duas espécies tão diferentes, mas, ainda assim, tão iguais. Partindo da premissa que as barreiras que nos separam dos animais, não nos fazem seres superiores, nem de mais valor, propomos duas manhãs em que, através de exercícios de expressão corporal, com a orientação de Vanessa Marques, iremos sensibilizar e despertar os mais novos para tudo aquilo que aproxima as duas espécies - desde a forma de agir, de demonstrar afetos, até à forma de comunicar.

**Datas:** 5 e 19 de junho, das 10:30h às 12:30h

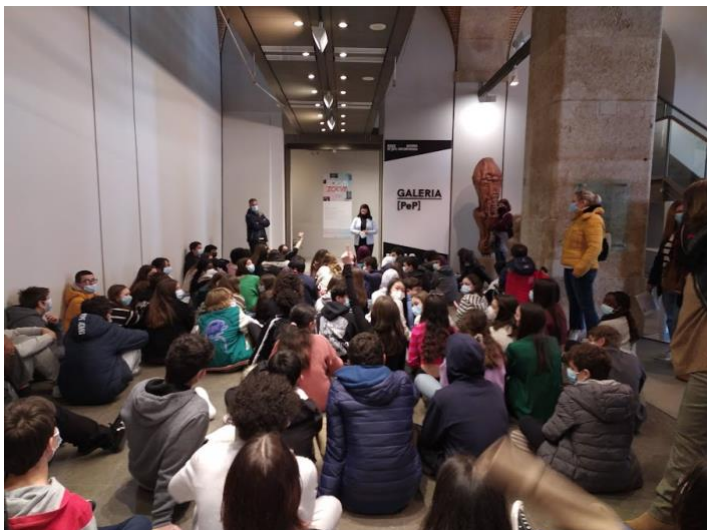
**Preço por inscrição:** 15€

**Bio:** Vanessa Marques, 29 anos, licenciada em Estudos Artísticos Variante Artes do Espectáculo, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Produção pela Escola Superior de Teatro e Cinema. A nível profissional, desempenha maioritariamente a função de direcção de cena em espetáculos teatrais, tendo também leccionado aulas de dança a crianças, nomeadamente *Hip Hop* e *Shuffle*.

*Apêndice 24 Sinopse e detalhes Diferenças ou Semelhanças?*



*Apêndice 25 Convite Diferenças ou Semelhanças?*



*Apêndice 26 Visita orientada em conjunto*



*Apêndice 27 Primeira visita orientada a solo*



*Apêndice 28 Primeira visita orientada a solo*

---

**CLASSIFICAÇÃO**

---

**Título:** Olhares Modernos

**Tipo:** Visita orientada

**Autores:** Mariana Galvão

**Público-alvo:** alunos segundo e terceiro ciclos

**Nº de sessões e duração:** 30-45 minutos

**Lotação:** mínimo 5, máximo 25 participantes

**Calendarização:** Fevereiro

---

**PRODUÇÃO**

---

**Meios logísticos, espaços, equipamentos:** Sala 2 exposição *Olhares Modernos – O Retrato em Pintura, Escultura e Desenho (1910-1930)*

**Materiais:** Imagens de referência



*O Tocador de Pífaro*  
Manet, 1866



Natacha  
António Soares, 1928

Apêndice 29 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 1



*Mulher ao Espelho*  
Picasso, 1932



*As Meninas*  
Picasso, 1957



*Les Femmes d'Alger*  
Picasso, 1954-55

Apêndice 30 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 2

## CONTEÚDOS

**Sinopse:** nesta parte da visita irá observar-se como diferentes sentimentos podem ser expressos através da arte: ora o orgulho e companheirismo, ora uma certa altivez, a admiração, cumplicidade, e mesmo a repulsa. Tal será enquadrado e contextualizado na vaga Modernista Portuguesa, dando seguimento às questões mencionadas ao longo da visita à primeira sala da exposição.

**Nota:** Para cada nível de ensino, o discurso e as metodologias da visita são adaptados às diferentes faixas etárias e às necessidades dos grupos.

**Conceitos a trabalhar (palavras-chave):** retrato; autorretrato; sentimentos; Modernismo; Naturalismo; evolução; tradição

**Objetivos:** dar a conhecer obras e artistas modernistas portugueses e contextualizar a nível histórico e social o surgimento deste movimento artístico

**Metodologia:** descrição das obras selecionadas e interação com o público para que possam participar ativamente na visita

**Descrição:**

### 1. Introdução

**Local:** Entrada do MNAC

**Questões envolventes:** saber se já alguém visitou o museu; contextualização da história do edifício; alerta para a necessidade de estar em silêncio e de não tirar fotografias com flash

**Tópicos de introdução:**

- Antigo Convento de S. Francisco, que, com a extensão das ordens religiosas passou a ser um espaço laico (sabem o que significa?)
- Transformado numa fábrica de bolachas, e só posteriormente num museu, que iniciou a sua história em 1850, embora tenha sido aberto ao público só em 1911.
- Exposições de cariz temporário, sendo apenas as esculturas permanentes
- Exposições são sempre temáticas para que se possa dar uso à vasta coleção do museu;

## Apêndice 31 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 3

**Local:** Sala 2 – Olhares Modernos

**Nome:** José Tagarro – Retrato do escultor Ruy Gameiro

e

**Nome:** Ruy Roque Gameiro – Tagarro



**Tópicos a explorar:**

- Homenagem à amizade de ambos
- Escultor esculpe amigo pintor e vice-versa
- Obras naturalistas - conseguimos identificar todos os elementos presentes

**Nome:** Eduardo Malta – Retrato Mlle. Maffit Wiese.



**Tópicos a explorar:**

- Questionar sobre os elementos presentes e palpites sobre a vida de Mlle.
- O autor pretendia exaltar a beleza e estatuto social dos clientes
- Casaco pousado para dar uma sensação menos formal à pintura

## Apêndice 32 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 4

**Nome:** Almada Negreiros – Interior



**Tópicos a explorar:**

- Contraste entre o quadro e os restantes observados
- Tentar identificar os principais elementos e decifrar a pintura
- Remete para a cumplicidade das relações femininas
- Linhas curvas dos corpos remetem para a sensualidade, em contraste com a geometrização do espaço envolvente
- Sensação de perspectiva, distorção das cores e das formas
- Semelhança com obras de Picasso

**Nome:** Adriano de Sousa Lopes – Blusa Azul e Retrato de Madame Sousa Lopes



**Tópicos a explorar:**

- Retratos da esposa do autor
- Representam a sua evolução ao longo dos anos, a nível físico e de personalidade
- Remete para um sentimento de amor e apreciação perante a sua esposa
- Possível inspiração no *Rapaz do Pifaro*, de Manet

### Apêndice 33 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 5

- Podemos identificar aspetos da jovialidade dos anos 20; questionar sobre os elementos que se destacam – cabelo, roupa, acessórios – sendo a cor da blusa o que se destaca visualmente na obra
- observa-se um paradoxo entre a inocência do olhar e postura da figura, e a ousadia dos restantes elementos bastante femininos, remetendo para o olhar do próprio artista e marido.

- Evolução de *Marquerite*, 7 anos após o anterior
- Pedir para identificarem diferenças entre os quadros
- Já não se observa a tal inocência
- A posição da mulher evidencia uma naturalidade expressiva, uma autoconfiança e atitude comunicativa, e um tanto sedutora
- Semelhanças com o quadro da bailarina russa Natacha; são ambos dos mais emblemáticos retratos dos anos 20.

**Nome:** Maria Barreira Gonçalves – Repúdio



**Tópicos a explorar:**

- Análise do movimento
- Questionar sobre o que sentem ao ver a escultura
- O movimento em si remete para o sentimento de repúdio
- A escultura tem o objetivo de materializar o sentimento

### Apêndice 34 Guião de apoio Olhares Modernos pág. 6

**Data do Guião:** Março

---

**CLASSIFICAÇÃO**

---

**Título:** *Maria Eugénia e Francisco Garcia – Uma Coleção*

**Tipo:** Visita orientada

**Autores:** Mariana Galvão

**Público-alvo:** 2º ciclo - ~~séniore~~s

**Nº de sessões e duração:** 30 minutos

**Lotação:** mínimo 5, máximo 25 participantes

**Calendarização:** Março - Junho

---

**PRODUÇÃO**

---

**Meios logísticos, espaços, equipamentos:** Sala dos Fornos

**Materiais:** Obras de arte presentes na exposição

---

**CONTEÚDOS**

---

**Sinopse:**

A visita será à base da descrição e análise de algumas obras mais relevantes, que sejam representativas da coleção do Casal M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia, e que revelem a sua diversidade. Assim, serão abordadas obras relativas às diferentes vertentes do abstracionismo e modernismo, bem como artistas que foram importantes para o casal, tendo eles sido amigos de muitos dos que estão representados ao longo da exposição. A visita visa então dar a conhecer o gosto eclético do casal, a sua paixão pela arte, e, acima de tudo, como os diferentes movimentos se podem relacionar entre si.

*Apêndice 35 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 1*

**Nota:** O discurso e as metodologias da visita são adaptados às diferentes faixas etárias e às necessidades dos grupos.

**Conceitos a trabalhar (palavras-chave):** abstracionismo; geometrização; modernismo; coleção...

**Objetivos:** dar a conhecer os diferentes movimentos artísticos presentes na exposição, bem como o gosto eclético de Maria Eugénia e Francisco. Realçar ainda o leque de bons artistas nacionais.

**Metodologia:** percorrer a exposição em questão e elucidar o público sobre a sua organização e conteúdo, explicando um pouco sobre algumas obras mais relevantes e sobre alguns artistas.

**1. Introdução**

**Local:** Sala dos Fornos

**Questões envolventes:** História do Museu, fábrica de bolachas, conceção da exposição em visita, pedir para não tirarem fotografias com *flash* e para permanecerem em silêncio.

**Tópicos de introdução:**

- Coleção privada do Casal
- Única oportunidade de a presenciar – irá ser leiloadas
- Eram amigos da maioria dos artistas representados
- Gosto eclético do casal
- Temas modernistas e abstracionistas
- Contextualizar a história do Museu e da Sala dos Fornos

**Local:** Sala 1

**Tópicos a explorar:**

Nome: Fernando Azevedo – *Almoçogeme* e *Luz da Costa Nova*

*Apêndice 36 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 2*

- abstracionismo geométrico
- Não está organizada cronologicamente
- Movimento que permite dar asas à imaginação



Nome: Zdzisław Beksiński; Victor Vasarely

Eduardo Nery, x2

- Op Art
- Obra causa ilusão de ótica devido aos materiais, formas e cores usadas
- Obra bidimensional e sensação de movimento



### Apêndice 37 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 3

Local: Sala 2 (paisagens)

Tópicos a explorar:

Nome: Menez, Sem Título

- Contraste com as obras anteriores
- Obra de Menez – interpretações influenciadas pelas obras que a rodeiam de João Hogon e Alice Jorge
- Elementos não são representações totalmente fiéis à realidade



Nome: Carlos Botelho – Sem Título

- Acontece o mesmo que nas anteriores
- Obra constituída por formas geométricas
- Identificamos o tema da obra e os seus elementos através do nosso conhecimento prévio
- Bases cubistas



### Apêndice 38 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 4

Local: Parede Gravuras

**Tópicos a explorar:**

- Gravuras de diferentes artistas
- Temas diversos – mitologia, semelhança pinturas rupestres, alusões à Pop Art,...



Nome: Sónia Delaunay – *Sem Título*

- Faz lembrar um alvo
- Representação do sol e dos seus reflexos
- Originou o Orfismo em conjunto com o marido, uma variação do cubismo
- Alude aos reflexos solares através de formas geométricas e cores



Apêndice 39 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 5

Local: Sala 3

**Tópicos a explorar:**

Nome: Almada Negreiros – *Senhora Sentada e Nu à Janela*

- Contextualizar o artista e o seu trabalho
- Geometrização das formas e pontos de fuga (perspetiva)
- Pintor modernista, precede as obras abstracionistas já observadas
- Constatar a forma como os títulos são explicativos do retratado



Nome: Noronha da Costa – *Sem Título*

- Este pintor tendia a não representar a realidade a 100%, daí a obra parecer baça
- Há uma leveza na obra devido à luz que entra pela janela, fator que se verifica nas obras anteriores de Almada Negreiros



Apêndice 40 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 6



Nome: Lurdes Castro - *Cast Shadow*

- Artista retrava pessoas a partir das suas sombras e silhuetas
- Os materiais utilizados na sua composição complementam bastante a ideia de tratar de uma sombra



Nome Júlio Pomar – *Processão* e *Queimar o Julas*

- Obra não totalmente abstrata, há elementos que conseguimos identificar
- O traje branco pode induzir em erro
- O título da obra decifra o seu motivo
- Na segunda obra repete-se a questão



Apêndice 41 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 7

Nome: Rui Filipe – *Sem Título*

- Remete para as paisagens vistas anteriormente
- Todos os elementos se encontram seccionados
- Diferencia-se das restantes representações de praias – foco está no extenso areal; utilização de cores acinzentadas



Nota Final

- Fotografia da sala do casal
- Cronologia das suas vidas

Apêndice 42 Guião de apoio M<sup>ª</sup> Eugénia e Francisco Garcia pág. 8

---

Data do Guião: 11-05-2022

---

**CLASSIFICAÇÃO**

---

**Título:** A Outra Vida dos Animais

**Tipo:** Visita orientada

**Autores:** Mariana Galvão

**Público-alvo:** crianças 6-10 anos

**Nº de sessões e duração:** Junho – Agosto; 25 min

**Lotação:** mínimo 5, máximo 20 participantes

**Calendarização:** Junho – Agosto

---

**PRODUÇÃO**

---

**Meios logísticos, espaços, equipamentos:** Galeria Millennium

**Materiais:** Obras de arte, catálogo da exposição

---

**CONTEÚDOS**

---

**Sinopse:**

**Nota:** Para cada nível de ensino, o discurso e as metodologias da visita são adaptados às diferentes faixas etárias e às necessidades dos grupos.

**Conceitos a trabalhar (palavras-chave):** respeito; fábulas; sustentabilidade; animais; humanos; imaginação

*Apêndice 43 Guião de apoio A Outra Vida dos Animais pág. 1*

**Objetivos:** Consciencializar para o facto de os seres humanos, enquanto espécie, não serem de nenhum modo superiores aos animais. A nossa existência não pode condicionar a existência das restantes espécies, devendo aprender a coexistir com o que nos rodeia. Não existimos sem o meio ambiente que nos rodeia, tal como o conhecemos.

**Metodologia:** de um modo simples, devido à faixa etária, mas ainda assim completo e carregado conteúdo e valores, atravessar toda a exposição explicando o sentido de cada uma das divisões, e falando sobre algumas obras de forma mais aprofundada, relacionando sempre as vivências de nós humanos com as dos animais, identificando aspetos que nos unem.

**Descrição:**

**1. Introdução**

**Local:** Galeria Millennium

**Questões envolventes:** Humanos não são uma espécie superior às restantes; convivência e respeito; conservação das espécies...

**Tópicos de introdução:**

- Exposição feita à medida das crianças (ex.: quadros expostos ao nível do olhar dos mais pequenos)
- Exposição sobre os animais (enquanto humanos também somos animais, no entanto, achamos sempre que somos superiores aos restantes)
- O ser humano acha-se sempre no direito de maltratar as restantes espécies, o que resulta na extinção de espécies, no agravamento das alterações climáticas, e num enorme desrespeito perante nós mesmos, e os restantes animais.
- Exposição desenvolvida com base em fábulas (explicitar o conceito)

*Apêndice 44 Guião de apoio A Outra Vida dos Animais pág. 2*

**Local:** Galeria Millennium BCP

**Nome:** Adónis lutando com o javali



**Tópicos a explorar:**

- Começamos numa sala que conta histórias
- A caça era a paixão de Adónis, e acabou por ser o seu fim
- Muitas das vezes nas histórias que nos são contadas, os animais representam os perigos, são os maus da história, e nesta estátua é isso que observamos.

**Nome:** Tigre – Júlio Pomar



**Tópicos a explorar:**

- O artista inspirou-se numa história que leu, em que um dos personagens era um tigre que nunca ninguém tinha visto, e que representava o medo do desconhecido;
- Características do tigre são bravas, tanto o olhar, como a boca e os dentes, e mesmo a posição corporal, nos metem respeito e até algum medo, de tão ameaçadores que parecem.
- Acham que este tigre era mesmo mau, ou será que apenas se estava a tentar defender de algo? |

Nome: Untitled Ar #1 e #3 - Miguel Branco / Exemplares Lepidoptera / Animália Vegetália – Ema M



**Tópicos a explorar:**

- Sala fala-nos da conservação e da investigação dos nossos bichos
- (Borboletas gigantes) O objetivo do autor ao fazer estes dois quadros foi dar-nos a conhecer os belos pormenores destas borboletas
- Observamos o mesmo nestas ilustrações - chamam-se ilustrações científicas, isto porque são 100% fiéis à realidade e servem mesmo para que os cientistas possam estudar as espécies representadas, sendo mesmo mais reais do que uma fotografia
- Por último, já repararam que estas borboletas estão dispostas para que as possamos ler, quase como um livro? Ou seja, todas têm as asas abertas de forma que nos seja possível ver as suas cores e padrões – são um ótimo objeto de estudo para os cientistas

Nome: Rhinocerus – Rui Macedo / Aguarela sobre papel – Pedro Proença



**Tópicos a explorar:**

Nesta parede podemos ver diferentes representações de rinocerontes em diferentes superfícies e formas, que acabam por criar ilusões de ótica, quais é que conseguimos identificar?

*Apêndice 46 Guião de apoio A Outra Vida dos Animais pág. 4*

Nome: Cavalos – Dórdio Gomes / Cabeça de boi – Henrique Pousão

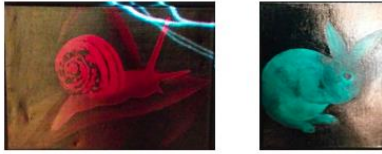


**Tópicos a explorar:**

- Obras que nos remetem à serenidade do campo,
- na altura em que elas foram executadas as fábricas e o fumo vindo delas já era algo quase normal, e então os artistas sentiram uma necessidade de voltar à Natureza e àquilo que ela dá de bom
- (Cavalos) o que acham que o artista nos queria contar? Os cavalos parecem-vos estar calmos? Será que se estava a passar algo de mau e eles estavam a fugir? E já repararam na árvore que acompanha os seus movimentos?
- (Boi) obra apresenta uma particularidade: o artista fez este quadro com uma grande atenção ao detalhe, conseguimos até sentir o olhar meigo do animal, não é? O artista fez esta representação com uma dignidade muito grande, como se não se tratasse de uma espécie diferente de si (ou seja, igualando um animal a um humano), o artista mostra-nos não só uma representação de um boi, mas sim um retrato – um género de pintura que é costume fazer a humano

*Apêndice 47 Guião de apoio A Outra Vida dos Animais pág. 5*

Nome: Natureza-morta: caracol / Vanitas: coelho



**Tópicos a explorar:**

- Sala mais diferente e assustadora desta exposição
- É como se fossemos remetidos para as noites escuras em que não conseguimos dormir
- Sombras da rua nos entram pelo quarto adentro, formando monstros de todo o feitio

**Conclusão:**

"Nesta exposição e neste livro o que quisemos não foi levar-te a imaginar gatos a ouvir música clássica ou cães que adoram hard-rock. Mas mostrar como, entre tantas estórias que os humanos criaram ao longo de muitos séculos, a verdadeira vida dos animais permanece misteriosa para nós e que a nossa própria vida tem menos magia e importância se continuarmos a pensar que a podemos viver sem os outros."

*Apêndice 48 Guião de apoio A Outra Vida dos Animais pág. 6*



*Apêndice 49 Atividade Sêniores Semana da Cor*



*Apêndice 50 Atividade Semana da Cor*



*Apêndice 51 Conversa sobre Marcelino Vespeira*



*Apêndice 52 Lançamento Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*